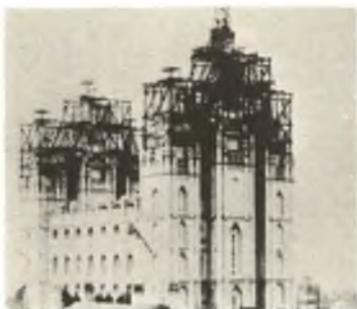


A <sup>29/3</sup> **Liahona** <sup>março</sup> 1976

EM 28 DE MARÇO  
O PRESIDENTE SPENCER W. KIMBALL  
COMPLETA SEUS  
81 ANOS DE VIDA





12



26



7



7

# A <sup>29/3</sup> <sup>março</sup> <sup>1976</sup> Liahona

## A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball  
N. Eldon Tanner  
Marion G. Romney

## CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson  
Mark E. Petersen  
Delbert L. Stapley  
LeGrand Richards  
Howard W. Hunter  
Gordon B. Hinckley  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie  
L. Tom Perry  
David B. Haight

## COMITÊ DE SUPERVISÃO

Robert D. Hales  
O. Leslie Stone  
Neal A. Maxwell  
John E. Carr  
Dean L. Larsen  
Daniel H. Ludlow  
Verl F. Scott

## EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente  
Carol Larsen, Editor Associado  
Roger Gylling, Designer

## EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável  
José G. F. da Silva, Editor Nacional

- 1 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "DAMOS GRAÇAS A TI, O DEUS AMADO, POR MANDARES A NÓS UMA LUZ."  
Presidente N. Eldon Tanner
- 4 CAMILLA KIMBALL: UMA SENHORA QUE ESTÁ SEMPRE APRENDENDO  
Lavina Fielding
- 9 "SE UM DIA CHEGAR À DECISÃO ..."  
Mark Hart
- 12 "SUA MÃE NÃO CHEGOU A VER O TEMPLO DE SALT LAKE TERMINADO"  
Presidente Heber J. Grant
- 25 "AQUELE PROCESSO CHAMADO CONVERSÃO"  
Élder Hartman Rector Jr.
- 7 UM CHAMADO ESPECIAL  
Bispo H. Burke Peterson
- 10 A DESCOBERTA DO LIVRO DE MÓRMON  
Presidente Marion G. Romney
- 21 "HÁ UMA LEI"  
Harry J. Haldeman
- 13 "A BIBLIA DE OURO"  
Maureen Beecher
- 15 SÓ PARA DIVERTIR
- 17 O TOPO DA MONTANHA  
Hazel M. Thomson
- 18 "O SENHOR ME LIVRARÁ"
- 20 FIGURAS ESCONDIDAS E PÁGINAS PARA COLORIR
- 30 O CRESCIMENTO NO MÉXICO EXPLODE EM 16 ESTACAS  
Jorge Rojas
- ANUNCIANDO NOVO TEMPLO PARA ÁREA DE SEATTLE
- 31 IDE A TODO O MUNDO
- 32 ÉLDERES BROWN E CHRISTIANSEN SUCUMBEM A 2 DE DEZEMBRO
- 33 PERFIL DE UM LÍDER  
José B. Puerta
- 36 PETRÓPOLIS INAUGURA SUA CAPELA E REALIZA A CONFERÊNCIA DISTRITAL  
José B. Puerta

**REGISTRO:** Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1976 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeui n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

**É** bem provável que essas palavras nunca tenham sido tão apreciadas em toda a história da humanidade e que sua mensagem jamais tenha sido mais necessária do que hoje em dia. Os homens tateiam e tropeçam em busca de respostas para os problemas, particulares ou mundiais, e acabam por descobrir que suas tentativas de solucioná-los são totalmente inadequadas e, na verdade, só se estão afundando cada vez mais.

Se todos os homens apenas se voltassem para o profeta de Deus, em busca de orientação, nesses últimos dias... Que coisa gloriosa seria ver-nos vivendo em um mundo de paz, cada um contribuindo para o aprimoramento de seu semelhante, sem procurar engrandecer-se, mas pelo contrário, empenhado na mais legítima busca de vida, liberdade e alegria. Temos dado ênfase, freqüentemente, que é isso o que Deus quer para nós, seus filhos espirituais, e não há outro meio de voltar para ele, de quem viemos, do que através de seus profetas.

O dia 28 de março de 1976 anuncia o 81.º aniversário de nosso atual profeta e líder, Spencer W. Kimball. Quão abençoados somos e quão gratos pela grandeza de sua vida, por seu desprendimento, humildade, dedicação e devotamento à causa do Mestre, a quem serve. Certamente ele exemplifica o que ensinou o Rei Benjamim: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus". (Mosiah 2:17).

Enquanto analisamos sua vida e realizações, tornamo-nos profundamente conscientes da grande influência que ele tem exercido sobre incontáveis milhares, viajando pelo mundo todo e deixando suas mensagens em seus corações e nas páginas impressas de jornais, revistas, folhetos e panfletos. Sua palavra tem sido levada a cada camada da sociedade — jovens e velhos, ricos e pobres, cultos e incultos — e estou certo de que tem encontrado raízes e sido nutrida; aqueles que seguem seus conselhos são felizes, mais prósperos, mais amados e respeitados e mais prontos para o grande objetivo da vida eterna.

Caberia aqui repetir algumas das grandes mensagens que têm sido apresentadas por nosso amado presidente.

# "Damos Graças a ti, Ó Deus Amado, por Mandares a nós uma Luz"

**Presidente N. Eldon Tanner**  
**Primeiro Conselheiro da Primeira**  
**Presidência**

## *Mensagem da Primeira Presidência*



Em 1955, em uma reunião religiosa na Universidade de Brigham Young, Élder Spencer W. Kimball, então membro do conselho dos Doze Apóstolos, falou sobre um assunto a que deu o título de "Tragédia ou Destino". Citou então vários acidentes trágicos, cujas vítimas aparentemente morreram antes do tempo, e os sobreviventes se perguntavam por que o Senhor teria permitido tamanhas e tão terríveis tragédias. A seguir, levantou várias perguntas, dessas que nos levam à reflexão, dizendo:

"Se declararmos que a morte prematura é uma calamidade, um desastre ou uma tragédia, não estaremos afirmando que a mortalidade é melhor do que entrar mais cedo no mundo espiritual e no estado de salvação e exaltação? Se a mortalidade fosse o estado perfeito, então a morte seria uma frustração, mas o Evangelho nos ensina que não há tragédia na morte, mas somente no pecado.

Sabemos tão pouco! Nosso julgamento é tão limitado! Julgamos o Se-

nhor, muitas vezes, com menos sabedoria do que nosso filho mais novo avalia nossas decisões...

Deus controla nossa vida, guia-nos e abençoa, mas nos dá liberdade de escolha. Podemos viver nossa vida conforme o plano que ele tem para nós, ou podemos, insensatamente, encurtá-la ou ceifá-la. Sei, com toda a certeza, que o Senhor planejou nosso destino. Podemos abreviar nossa vida, mas acho que não podemos prolongá-la muito. Um dia entenderemos perfeitamente, e quando, no futuro, olharmos para trás, ficaremos satisfeitos com muitos dos acontecimentos desta vida que nos pareceram, no momento, tão difíceis de entender."

Atentai para este conselho, dado a um grupo de jovens adultos, na sede da estaca de Manti, em Utah, a 10 de julho de 1974:

"Numerosos desastres têm ocorrido no meio do oceano, por colisões de navios, às vezes contra 'icebergs', e muita gente tem sido sepultada nas águas.

Muito em breve, coisas assim não serão mais possíveis, pois os navios serão equipados com radar, que alertará os seus oficiais, quando tais colisões estiverem iminentes. Uma fita tocará automaticamente, soando da ponte oculta. 'Isto é um alarma; este navio está-se aproximando de um obstáculo. Isto é um alarma; este navio está-se aproximando de um obstáculo.' E a voz não silenciará, enquanto o piloto não desligar o gravador. Isso ajudará os navios a mudarem seu rumo e salvar vidas.

"Creio que nossos jovens são saudáveis e basicamente bons e fortes; mas também atravessam mares, para eles praticamente desconhecidos, cheios de bancos de areia, 'icebergs' e outros navios, e onde estarão sujeitos a grandes desastres, a não ser que sejam avisados.

E como líder da Igreja e, até certo ponto, responsável pela juventude e pelo seu bem-estar, ergo bem alto e bem forte, a minha voz, para proclamar à juventude: 'Vocês estão em terreno arriscado e, talvez, numa época

de suas vidas em que há muitos perigos. Apertem os cintos, dominem-se a si mesmos, e poderão sobreviver a essa turbulência.'

Permitam-me citar aqui o Senhor, dizendo:

"Se eu não viera nem lhes houvesse falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado" (João 15:22), lembrando-nos novamente de que, quando formos advertidos, devemos ouvir e aplicar essas advertências às nossas vidas, capacitando-nos para evitar os bancos de areia e as rochas, e os lugares perigosos."

Vamo-nos lembrar agora de alguns dos inspirados pronunciamentos do presidente Kimball, durante as sessões da conferência geral, desde o início de sua gestão como presidente da Igreja. Na sexta-feira, 5 de abril de 1974, na reunião de abertura, ele disse, após comentar o falecimento do Presidente Harold B. Lee, prestando-lhe uma homenagem:

**"Se declararmos que a morte prematura é uma calamidade, um desastre ou uma tragédia, não estaremos afirmando que a mortalidade é melhor do que entrar mais cedo no mundo espiritual e no estado de salvação e exaltação? Se a mortalidade fosse o estado perfeito, então a morte seria uma frustração, mas o Evangelho nos ensina que não há tragédia na morte, mas somente no pecado."**

"Nas entrevistas com a imprensa, costumam fazer-nos esta pergunta: Senhor Presidente, agora que tem nas mãos a liderança da Igreja, o que pretende fazer?"

Minha resposta tem sido que, como membro do Conselho dos Doze Apóstolos, há trinta anos, tenho algo a ver com a elaboração de normas e do extenso, amplo e completo programa

atual. Não prevejo nenhuma mudança maior no futuro imediato, esperando, porém, dar crescente ênfase a certos programas já existentes. Está na hora de consolidarmos nossos esforços, firmarmos nossos programas e reafirmarmos nossas diretrizes.

Reconhecemos que a expansão acelerada é nosso maior problema. Nosso crescimento numérico é fenomenal, pois a população (da Igreja) duplicou nestes últimos anos... Os números só nos interessam incidentalmente. Nossa principal preocupação é que todos os homens consigam a vida eterna.

Ele passou então a discutir assuntos de interesse vital para nós, abrangendo nossas obrigações civis, a vitória sobre o mundo, nossa submissão a Deus, a solidariedade da família, a liderança no lar; o divórcio, o aborto, a ação das drogas, o uso inadequado do próprio corpo e a função sagrada das mães. E concluiu com esse desafio:

"Este, pois, é o nosso programa: Reafirmar e levar avante, corajosamente, o trabalho de Deus em pureza e probidade, enviando o Evangelho da verdade a esse mundo que tanto necessita de uma vida piedosa.

Nossa meta é a vida eterna. Ela só poderá ser alcançada, seguindo o caminho que nosso Senhor nos indicou."

Sobre esse mesmo assunto, o Presidente Kimball apresentou a seguinte e vibrante mensagem aos Representantes Regionais e de Missão, quando a eles se dirigiu, no dia 4 de abril de 1974.

"Em nosso trabalho missionário de estaca, nos lares, mal arranhamos a superfície.

Podemos mudar aquela imagem e nos aproximarmos dos ideais estabelecidos pelo Presidente McKay. Cada membro um missionário. Que ideal inspirado!

Conheço essa mensagem, ela não é nova, e já conversamos sobre isso antes, mas acho que chegou o tempo em que precisamos atirar-nos ao trabalho. Acho que devemos modificar nossas perspectivas e elevar nossas metas".

“Quando tivermos ampliado o coeficiente de missionários das áreas organizadas da Igreja até atingir um número próximo ao seu potencial, isto é, com todo jovem digno e eficiente da Igreja trabalhando em campo missionário; quando toda estaca e missão no estrangeiro estiver fornecendo missionários suficientes para as necessidades locais... quando tivermos usado nossos homens qualificados para ajudar os apóstolos a abrir novos campos de trabalho; quando tivermos tirado o máximo proveito dos satélites espaciais e descobertas correlatas e de todos os meios de comunicação de massa — jornais, revistas, rádio, televisão; quando tivermos organizado grande número de outras estacas para servirem de trampolim; quando tivermos reativado os numerosos jovens que atualmente não são ordenados, não fizeram missão e não se casaram, então, e só então nos estaremos aproximando da insistência do Senhor e Mestre, de ir ao mundo inteiro e pregar o Evangelho a toda a criatura.

Estou certo de que todo país que abrir suas portas ao Evangelho de Jesus Cristo, será abençoado pelo Senhor. Suas bênçãos florescerão em educação, cultura, fé e amor, como a cidade de Sião de Enoque, que foi transladada, e tornar-se-ão como os nefitas, que tiveram 200 anos de vida pacífica neste país. As nações terão prosperidade, os povos conforto e deleite; todos os que o receberem terão alegria e paz, os que o aceitarem e magnificarem, gozarão de vida eterna”.

Sempre atencioso e gentil, dispensando grande apoio a seus Irmãos — as Autoridades Gerais — ele fez essa declaração ao encerrar-se a conferência geral em 7 de abril de 1974:

Irmãos e irmãs, estamos chegando ao final dessa grande conferência. Vocês acabam de ouvir da maioria dos Irmãos o mesmo que foi dito por mim, e seus testemunhos têm sido inspirados. O que eles disseram é verdade. Veio do fundo de seu coração. Eles têm esse mesmo testemunho e sabem que é verdadeiro. Eles são ver-

dadeiros servos, a vocês enviados por nosso Pai Celestial, e oro para que os escutem, a fim de que os relembrem e levem essas verdades para casa, para suas famílias e suas vidas.

Irmãos e irmãs, gostaria de acrescentar meu testemunho aos desses profetas, o meu testemunho de que eu sei que Ele vive e que podemos vê-lo e estar com Ele e desfrutar de sua presença sempre, se vivermos os mandamentos do Senhor e fizermos as coisas que Ele nos tem ordenado, através dos Irmãos.”

Em nossa conferência geral de outubro de 1974, o Presidente Kimball apresentou um discurso pleno de motivação, quando pediu o apoio de todos os membros da Igreja para uma campanha de remodelação, mostrando a necessidade de mantermos limpas e embelezar nossas casas, nossos prédios e arredores. Enumerando, a seguir, os riscos contra os quais nos devemos prevenir, ele disse:

“Lembra-vos de que Deus está nos céus. Ele sabia o que estava fazendo, quando organizou a terra. Ele sabe o que está fazendo agora. Aqueles que quebram seus mandamentos, lamentarão e sofrerão em remorso e dor. DEUS NÃO SERÁ ESCARNECIDO. O homem tem seu livre arbítrio, é certo, mas lembrem-se, Deus não será escarneado. (Ver D&C 63:58.)

Nosso conselho é que vivais estritamente as leis de nosso Pai Celestial.”

Essas palavras vêm de uma mensagem de despedida, na tarde de domingo, 6 de outubro de 1974, e parecem ser o fecho de muitos discursos apresentados durante a conferência sobre o tema lar e família:

“O lar deve ser um local onde a confiança no Senhor é uma experiência comum, e não reservada para ocasiões especiais. Um meio de estabelecê-la é pela oração regular e fervorosa. Não basta orar, simplesmente. É essencial que falemos, de fato, com o Senhor, confiantes de que ele nos revelará, a nós, como pais, o que precisamos saber e fazer para o bem-estar

de nossa família. Já foi dito de alguns homens que, quando oravam, seria bem possível uma criança procurar abrir-lhes os olhos, para ver se, realmente, o Senhor estava lá, tão pessoal e direta era a petição...

**“Não basta orar, simplesmente.**

**É essencial que falemos, de fato, com o Senhor, confiantes de que Ele nos revelará, a nós, como pais, o que precisamos saber e fazer para o bem de nossa família.**

**Já foi dito de alguns homens que, quando oravam, seria bem possível que uma criança procurasse abrir-lhes os olhos, para ver se, realmente, o Senhor estava lá, tão pessoal e direta era a petição...**”

Meus irmãos e irmãs, o lar é nossa propriedade — o lar e a família são nossa base. E sobre isso temos ouvido bastante nessa conferência — isto é, que a vida de família, a vida no lar, o amor e a dependência mútua entre os pais e os filhos, essa é a vida que o Senhor planejou para nós...

Eu sei que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Eu sei isso. Sei que ensinamos o Evangelho de Jesus Cristo, e a igreja à qual pertencemos é a igreja de Jesus Cristo que ensina suas doutrinas, suas diretrizes e seus programas. Sei que, se todos nós vivermos o programa como ele nos tem dado e continuará a dar, todas as bênçãos prometidas serão nossas.

Sei também que essas coisas são verdadeiras, e que Spencer W. Kimball é um profeta de Deus na terra, em nossos dias. Que possamos, todos nós, responder ao convite: “Vinde e ouvi a voz do Profeta” e dar graças por ele estar entre nós.



# CAMILLA KIMBALL, Uma Senhora que Está Sempre Aprendendo

Por Lavina Fielding

**É** uma mulher calma, mas sua quietude vem de disciplina e serenidade, não por ser passiva ou indiferente. Os cabelos são brancos, mas seus olhos são de um azul brilhante — lampejam de alegria. Seu nome é Camilla Eyring Kimball.

É indubitável que o marido, os filhos e netos de irmã Kimball são partes essenciais de sua vida, e que seu trabalho na Igreja é tudo para ela. Não há dúvida também de que uma das coisas que fazem

dela uma mulher tão extraordinária, é a vivacidade de sua mente e espírito que a tem lançado ao longo dos anos num aprendizado constante e, ainda hoje, ela se sente frustrada, porque o tempo é curto para tudo quanto deseja abraçar, a cada dia.

Sua casa é modesta, imaculadamente limpa e muito confortável. As cadeiras do “living”, bem como as de sua sala de jantar, têm almofadas feitas a mão, uma habilidade que ela diz modestamente que pre-

cisa de tempo, não de talento. As plantas da estufa demonstram a relutância dessa ávida jardineira em submeter-se ao inverno.

Mas sua atividade preferida é ler. “Dêem-me apenas um livro, e eu posso entreter-me indefinidamente”, diz ela. Como uma criança, leio tudo o que me cai nas mãos. Tenho um apetite insaciável pelos livros.

Ela se lembra de uma temporada de verão que passou com sua avó, que era suíça, convertida à Igreja, e que achava que ler novelas era uma iniquidade. A jovem Camilla costumava subir, logo após a ceia, e ler até ouvir os passos da avó na escada. Quando a avó chegava ao alto da escada, Camilla, segundo as aparências, estava completamente adormecida. Sua avó também se levantava ao amanhecer, para trabalhar no jardim e, mal saía, o livro de Camilla logo saltava outra vez, até à hora do desjejum. Ela se lembra do espanto de sua avó: “Não posso entendê-la, Camilla; como você pode dormir tanto?”

Sendo a mais velha de uma grande família, Camilla era o braço direito de sua mãe. “Mamãe costumava mandar-me arrumar as camas, e essa era uma boa oportunidade para ler. Eu sabia que tinha que me apressar, quando ela chamava: “Camilla, você não está demorando muito com essas camas?”

Embora o Presidente Kimball toque piano, Camilla nunca tirou proveito das lições de órgão que seus pais lhe deram, porque sempre apoiava um livro na estante de música, “tocava o bastante para satisfazer a minha mãe e lia entre os intervalos dos exercícios.

Irmã Kimball herdou de sua mãe o amor à leitura, pois ela se lembra de que a mãe lia, ao mesmo tempo que tricotava meias para toda a família. Não consigo jamais me lembrar de tempo algum em que não houvesse livros e mais livros por toda parte, em casa.

Embora tivesse um apetite voraz pela leitura, irmã Kimball, sempre soube distinguir entre os bons e os maus livros. “A pior tentativa que já fiz foi a de ler historietas cômicas para nosso filho mais velho. Eu o ensinei a ler, logo que pude, de modo que ele já lia para si mesmo, quando chegou aos cinco anos.”

Ainda mais importante que sua liberdade de ler, no entanto, era sua liberdade de explorar idéias dentro do contexto do Evangelho. “Quando estava no segundo ano colegial, lembra ela, o professor nos falou sobre evolução, e eu fiquei toda animada e fui para casa, querendo ensinar meus pais a respeito. Meu pai ouviu-me com muita paciência e disse: “Bem, filha, há teorias e existe a verdade, e você distinguirá as teorias da verdade, se souber esperar com paciência.”

“Ele não se sobrepôs a tudo, nem me fez sentir aborrecida ou decepcionada, e eu aprendi a agir assim, desde aí. Especializei-me em dietética, na faculdade, mas tem havido tantas mudanças nos últimos sessenta anos nesse campo, que as teorias, obviamente,

não são coisas a que nos apegar. O Evangelho, sim, esse é. Não consigo entendê-lo plenamente, mas posso crer que por fim o conseguirei, se continuar me esforçando.”

Devido ao amor de sua família pelos estudos e pesquisas, irmã Kimball diz: “Sempre tive mente aberta e inquisidora. Não aceito as coisas passivamente. Gosto de me aprofundar nelas e estudá-las com isenção de ânimo. Cedo aprendi a pôr de lado, numa gaveta da mente, as perguntas do Evangelho a que não podia responder. Eu tinha uma gaveta cheia de coisas que não conseguia entender, mas fui-me tornando mais velha, estudando, meditando, orando sobre cada problema, um por um, e fui-me tornando mais capaz de entendê-los melhor.”

Ela sorri. “Ainda tenho algumas perguntas naquela gaveta, mas cheguei a entender tantas outras coisas em minha vida, que estou querendo dedicar meu tempo para o resto das respostas.”

É com respeito que ela partilha uma experiência de como uma pergunta foi respondida. Ela servia então como guia na Praça do Templo, uma responsabilidade missionária que levava muito a sério. Certa manhã, de repente, ela se vestia para sair, quando foi assaltada por uma dúvida arrasadora: “Como posso saber que Joseph Smith realmente viu o Salvador e o Pai? Como posso ter certeza de uma coisa assim? Admirei-me de como tivera a audácia de dizer que isso, de fato, acontecera. Senti-me terrivelmente perturbada. Ajoelhei-me e orei sobre o assunto, mas ainda saí de casa perturbada por essa dúvida.

Posso ainda lembrar o que senti então, quando me levantei para contar a história de Joseph Smith, naquele dia, como já fizera tantas vezes. Senti de repente uma manifestação — alguma coisa me ardia dentro do peito — e que tanto me afirmou e reafirmou, que não tive mais dúvidas; este era, realmente, o testemunho que é prometido, se o procurarmos e, de fato, quisermos saber.

O que mais me espanta é que nunca havia pensado sobre o assunto antes. Meu testemunho era apenas um fato de minha existência. E então, de repente, veio a pergunta. E a resposta imediata! E eu não era então nenhuma adolescente. Era uma mulher adulta, casada havia anos.”

Ela amplia seus conhecimentos continuamente, engrandecendo seus chamados, tanto como aluna, quanto como professora.

Como professora de Viver Espiritual da Sociedade de Socorro, nos últimos vinte anos em sua ala, ela lança constantemente o desafio às irmãs, de ler toda uma obra-padrão cada ano, premiando aquelas que o conseguem com um gostoso lanche. Setenta e duas mulheres leram o Livro de Mórmon num ano; doze delas o leram três vezes. “Tenho ficado emocionada com as reações”, diz ela. “Quantas das irmãs me têm dito: ‘Fiquei contente por você nos ter desafiado.’ Acho que a maioria de nós — pelo menos comigo isso acontece — aprecia qualquer

coisa que nos leve a estudar. Espero que alguém me estimule ainda mais.”

Outra oportunidade de ensinar, para ela, é trabalhar como professora visitante. “Tenho estado na Sociedade de Socorro por mais de cinquenta anos e desempenhado meu papel de professora visitante todo esse tempo”, é uma coisa que ela conta com orgulho. “Esta é uma das minhas melhores oportunidades de entrar em contato com minhas companheiras e de ajudar pessoas a enfrentar seus problemas. Para mim, não há meio de conhecer realmente uma mulher, enquanto não se conhece de perto o espírito de sua casa; e o programa de professoras visitantes nos dá a oportunidade de conhecer-nos de perto, e ajudar-nos umas às outras.”

Irmã Kimball aprecia muito essas amizades, pois, como irmã de Henry Eyring, eminente cientista americano, e esposa de Spencer W. Kimball, ela encontra pessoas que a consideram mais pelo seu nome do que por sua personalidade. Quando lhe perguntam de que forma se sente como esposa de um profeta, ela geralmente responde com uma piada — que não deixa de ser uma grande verdade: Não me casei com um profeta, casei-me com um ex-missionário.” E Spencer W. Kimball não desposou a mulher de um profeta, mas uma enérgica professora, dotada de mente insaciável e de um valente espírito. Juntos, cada um a seu modo, mas apoiando-se um no outro, eles têm continuado a crescer.

Ela admite com alegria que, em seu casamento, “nada seria diferente”, se seu marido não houvesse sido chamado como Autoridade Geral, há mais de trinta anos. “Ele sempre foi completamente dedicado à Igreja, e assim tem sido em nossa vida conjugal, desde o início. Tem sido exatamente tão devotado, quanto se fosse o secretário de uma ala.” De fato, ele foi chamado para secretário de uma estaca, exatamente seis semanas após o seu casamento.

Na verdade, a única diferença em suas vidas é a responsabilidade extremamente pesada que adveio com o seu chamado para Presidente. “Ele é o último recurso de autoridade que resta na terra hoje”, diz ela suavemente, “e isso o torna único. Ele tem a responsabilidade de tantas e tantas decisões, e não tem a quem se dirigir, senão ao Senhor.”

Irmã Kimball tenta aliviar essa carga, fazendo de seu lar um local “completamente tranqüilo”, e acrescenta: “Cuido o melhor que posso de sua saúde, isento-o de qualquer trabalho de casa e até mesmo procuro resguardá-lo. A coisa mais difícil do mundo, para ele, é dizer ‘não’, e me é penoso vê-lo assim pressionado.” Outro problema é a inevitável publicidade, sempre crescente. Não sendo uma mulher dada à notoriedade, aborrece-se com isso, evitando aparecer em público, como evita as entrevistas, sempre que pode, e é ciosa de sua vida particular, tanto para si mesma, quanto para seu marido.

Uma reunião familiar típica é, para qualquer dos dois, sentar-se confortavelmente em suas cadeiras, e estudar juntos as Escrituras. Irmã Kimball lê

em voz alta para poupar a voz do Presidente Kimball, interrompendo-se, quando eles querem discutir qualquer ponto ou sublinhar uma passagem importante nos livros; e lê tantas vezes, e tantas vezes assinala, que qualquer passagem não marcada é mais a “exceção do que a regra.”

“Ele é um homem com quem é fácil viver”, diz irmã Kimball, com ternura. Ela admira “sua fé e lealdade absolutas” e gosta das discrepâncias que surgem entre os pontos de vista de ambos, o que traz certo sabor à sua longa amizade. “Ele nunca foi capaz de entender, até aqui, por que eu quero questionar e examinar as coisas até o fundo, como costume fazer. O Evangelho é o tipo da coisa sobre a qual ele não tem perguntas.”

É óbvio, contudo, que ambos têm absoluto respeito um pelo outro, como indivíduos — e pela melhor razão: Profunda confiança na integridade um do outro, baseada na mais completa certeza de sua retidão. “Quando chegamos aos princípios do certo e errado”, diz irmã Kimball, “estamos sempre de pleno acordo. Ambos sabemos que a expiação é uma realidade viva, e nenhum de nós consegue imaginar como Cristo foi capaz de sofrer pelos pecados do mundo, e às vezes nos assombramos de como isso realmente aconteceu; ele se sente feliz em esperar até descobrir. E nossas opiniões sobre a aplicação do Evangelho às diferentes circunstâncias — política, por exemplo, nem sempre são as mesmas. Quando isso acontece, cada um de nós procura, a seu modo, sua resposta, sem que seja preciso um convencer o outro. E depois de nos esforçarmos acabamos por chegar à unidade da fé.” (Ver Efésios 4:13.)

Essa confiança e respeito mútuos têm caracterizado seu casamento desde o início. Os interesses intelectuais de irmã Kimball a têm envolvido profundamente com clubes, grupos cívicos, classes e grupos de estudos. “Tenho tomado aulas todos esses anos em que estamos casados, exceto esses dois últimos anos em que temos viajado muito”, diz ela.

Essas atividades, entretanto, não significam que ela ache seu lar um local desinteressante, sem estímulos. “Quem quer que ache que ser esposa e mãe é uma ocupação insípida, não leva a sério os seus desafios diários”, diz ela. “A família é o maior campo de aprendizagem que existe. É onde a gente precisa trabalhar dobrado para aprender tudo quanto puder. Nunca cessa a necessidade de estudar, saber como se relacionar com os filhos, ou, mais tarde, aprender a ser uma boa sogra ou uma boa avó.”

Seu compromisso perene com a excelência a mantém entusiasta e estimulante para os outros. “Há pessoas que sentem que suas responsabilidades as esmagam”, diz ela. “Acho que cumprir obrigações é o meio mais direto de crescer, o melhor meio. Qualquer mulher deve manter-se alerta às oportunidades — alerta aos interesses das outras pessoas, à sua própria família, ao crescimento do trabalho da Igreja. A vida é tão interessante, que me aflige não poder abranger tudo. E não tenho paciência com as mulheres cujas vidas as deixam entediadas.”

**T**odos nós ouvimos claramente o chamado do Presidente Kimball, quando disse aos irmãos que se preparassem para ser missionários. Estou impressionado com o número de jovens que tenho notado em toda parte, na Igreja. Há sempre aqueles que tudo fazem para ser corretos com o Senhor — que são dedicados e seguem o conselho de seus líderes.

Citando um exemplo, há não muito tempo encontrei-me com um

# UM CHAMADO ESPECIAL

**Bispo H. Burke Peterson**  
Primeiro Conselheiro do  
Bispado Presidente

jovem de origem japonesa, que, depois de fazer amizade com alguns jovens SUD que se não envergonhavam de agir como Mórmons, pediu para tomar aulas com os missionários, e em seguida se decidiu pelo batismo. Seus pais acharam que ele estava cometendo um erro, mas sentiam que, se o deixassem filiar-se à Igreja, ele logo ficaria um tanto desapontado e acabaria caindo em si e desistindo. E assim, com a aprovação dos pais, o rapaz foi batizado.



Logo após o batismo, ele contou aos pais que gostaria de fazer missão e lhes perguntou se o manteriam. Eles negaram-se: claro que não o manteriam, pois não acreditavam naquilo que ele estava fazendo. Disseram-lhe que seria uma insensatez deixar a escola, principalmente porque ele ia tão bem em seus estudos de Medicina. Mas ele queria ir; tratou de juntar algumas economias e aceitou a ajuda de alguns amigos. Quando veio seu chamado, era para servir na Coréia.

Esse jovem continuou a contar-me que, estando poucos meses no campo missionário, seus pais vieram à Coréia visitá-lo, e seu pai lhe disse: “Bem, isto já está indo longe demais. Até aqui temos sido pacientes e compreensivos com você. Agora é tempo de voltar para casa e recomençar os estudos.” Eles achavam que conseguiriam levá-lo de volta. Mas ele respondeu que não podia voltar. Não poderia deixar aquele povo, porque o que estava fazendo era verdadeiro — era certo. Tinha sido chamado pelo Senhor para estar ali e não podia partir agora.

Os pais do jovem eram ricos, e o pai lembrou ao filho que financiaria todos os seus estudos na universidade. Mas o filho negou-se a voltar, ressaltando a necessidade de levar até o fim suas responsabilidades missionárias. O que ele estava fazendo era mais importante do que tornar-se doutor. Seu pai então insistiu que, se não voltasse para casa com eles, seria deserdado. Ainda assim, ele mostrou firmeza, dizendo que não deixaria o campo missionário.

Assim, o missionário contou-me como sua família o tinha repudiado — expulsando-o de casa. Ao regressar da missão, ele não tinha mais um lar para onde ir. Voltou para a universidade e encontra-se trabalhando para manter os estudos.

Esse rapaz é um daqueles que enfrentam tudo para seguir os conselhos do profeta. Há aqueles que não procuram desculpas para ser membros da Igreja. Há os que fazem tudo o que for necessário, a fim de preparar-se como missioná-

rios para o Salvador e esperam o chamado que lhes chegará.

Para aqueles que decidiram servir em missão e estão preparados, para aqueles que ainda não se decidiram, posso dizer que algumas das mais preciosas bênçãos que tenho obtido como Autoridade Geral, estão ligadas com os Santos que se envolvem no trabalho missionário. Servindo no Bispado Presidente, temos encontrado muitas experiências extraordinárias, mas nada para mim tem sido mais estimulante ou me tem dado mais elevação espiritual, do que a experiência de penetrar no campo missionário e estar com aqueles jovens que estão dedicando seu tempo ao ensino do Evangelho de Jesus Cristo. Tenho visto bênçãos advirem aos missionários como a nenhum outro grupo de pessoas sobre a terra. Os missionários são especiais aos olhos do Senhor, e ele lhes concede coisas especiais que não para os outros de seus filhos. Os missionários dignos têm poder, autoridade e bênçãos que outros não possuem. É o trabalho mais estimulante do Senhor — ser missionário.

Há alguns anos, eu era um bispo nos Estados Unidos, e tínhamos em nossa ala um grupo de jovens que eram ótimos exemplos do que um Santo dos Últimos Dias deve ser. Eles fizeram amizade com uma adolescente que não era membro da Igreja. Essa garota era surda, mas havia aprendido a leitura labial, de maneira que, se ficássemos de frente para ela e lhe falássemos, ela entenderia o que estávamos dizendo pelo movimento de nossos lábios. Sofria também essa jovem de um distúrbio cardíaco que a impedia de participar de qualquer esporte com outras garotas.

Tanto os rapazes quanto as garotas mórmons eram-lhe amáveis, atenciosos e compreensivos, e ela gostava do modo como a tratavam e apreciava o seu exemplo. Logo a convidaram para ouvir as aulas dos missionários. Quando as lições terminaram, ela acreditou no que havia aprendido e pediu a seus pais que autorizassem seu batismo. Eles também tinham ouvido as lições, mas não aceitaram a ver-

dade, como acontecera com ela; contudo, concederam-lhe a permissão para ser batizada e numa tarde de sábado, reunimo-nos junto à fonte batismal, enquanto essa jovem surda entrava nas águas. Após seu batismo, ela deveria ser confirmada como membro da Igreja. Os Élderes me perguntaram se eu gostaria de fazer parte do círculo e concordei. Eu sabia que ela não poderia ouvir a confirmação e a bênção do Élder, porque não podia ver seus lábios, e por isso, escutei com toda a atenção a bênção do Élder, enquanto ele a confirmava como membro da Igreja, para lhe contar depois tudo quanto ele dissera.

Foi-me difícil crer nos meus ouvidos, quando percebi o que o Élder dizia, pois era uma coisa que eu não acreditava ser possível. Mas ele tinha fé absoluta de que o Senhor concederia a bênção que havia conferido.

Após a confirmação e a bênção, convidei a jovem para vir ao meu escritório. Ela sentou-se à minha frente, e eu disse: — “Gostaria de contar-lhe qual foi a bênção que lhe foi dada pelo Élder.” Ela olhou para mim e disse: “— Bispo Peterson, eu ouvi a bênção.” Daquele dia em diante, ela passou a ouvir. Não era mais surda. Daquele dia em diante, passou a jogar voleibol, “softball” e tênis, porque seu coração também estava curado. A cura de todos os seus males viera da fé, do testemunho e da confiança do Élder — uma bênção única que o Pai Celestial muitas vezes concede aos missionários dignos e àqueles que se envolvem no trabalho missionário. Ele dá a algumas outras pessoas na mesma proporção, essa bênção.

Que o Senhor os abençoe, para que se preparem a si mesmos como o profeta lhes pediu, para ser missionários e sair pelo mundo a ensinar a outros o Evangelho de Jesus Cristo. Vocês têm um chamado especial — uma aptidão especial — enquanto estão aqui na terra: trazer alegria às vidas de alguns, que nenhuma outra pessoa poderia proporcionar. Cada um de vocês é especial, cada um é importante, cada um é necessário.

**V**ocê será capaz de trazer essa mãe para a Igreja, ainda antes do fim do ano". Esse desafio de meu bispo, lançado e aceito no começo de janeiro, tornou-me possível experimentar a grande alegria de um trabalho missionário.

A mãe não membro, por ele mencionada, morava com a filha que era membro, e eu fora designado para mestre familiar de sua casa. Meu companheiro e eu levamos vários

# "SE UM DIA CHEGAR À DECISÃO..."

Mark Hart



dias preparando-nos para aquela primeira visita tão importante à família. Sem uma idéia definida em mente, de como colocaríamos o assunto do batismo, batemos à porta e fomos convidados a entrar.

Quando nos preparávamos para sair, pensei comigo mesmo: "Esta senhora não me conhece. Talvez eu possa usar um pouco de audácia. Respirei fundo e me atirei à pergunta: — Como é que a senhora, tendo vivido a maior parte de sua vida em uma comunidade mórmon, não se tornou membro da Igreja?

Ela não respondeu, mas eu continuei: "— Se um dia chegar à decisão de filiar-se à Igreja, ficarei muito satisfeito, se me deixar cuidar de tudo."

Uma semana depois, recebi um telefonema. "— Irmão Hart, que terei de fazer para me tornar membro de sua Igreja?" Duas semanas depois (ainda antes de nossa visita de fevereiro), ela foi batizada.

Eu já havia provado a emoção de partilhar meu testemunho com não membros, em minha comunidade. Agora, animado por essa notável experiência, decidi abordar um dos professores de nossa escola, um jovem brilhante, casado com uma parente minha, distante. O problema era, novamente, como iniciar a conversa de maneira adequada.

Um dia, em uma reunião da escola, sentei-me numa passagem entre as filas de cadeiras e deixei vaga a cadeira da beirada, pensando comigo mesmo: "O próximo passo é do Senhor".

Pouco depois, ele sentou-se ao meu lado, e eu tentei o mesmo início de conversa: "Quer satisfazer-me uma curiosidade? Fico pensando como é possível que o senhor esteja freqüentando a Universidade de Brigham Young já há quatro anos, sem ter-se convertido ao mormonismo." E acrescentei novamente: "Se um dia chegar à decisão de filiar-se à Igreja, procure por mim que ficarei muito satisfeito, se me deixar cuidar de tudo."

Três dias depois, o telefone tocou. Três semanas mais tarde, ele era batizado.

Comecei a pensar, então, em um de meus alunos, não membros, que nunca se havia preocupado em se batizar. Alguns meses depois, eu me aproximei dele com as mesmas palavras: "Ficarei muito satisfeito, se me deixar cuidar de tudo." Ele também se tornou membro.

Esse pequeno amontoado de palavras, "ficarei muito satisfeito, se me deixar cuidar de tudo", tem-me proporcionado aquela grande alegria que o Senhor nos promete:

"E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de Meu Pai, quão grande será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!" (D&C 18:16).

---

Mark Hart é escritor e editor de material didático infantil. É professor da Escola Dominical da 8.ª Ala de Preston, secretário executivo da Estaca de Preston Idaho Sul, e oficiante no Templo de Logan.



# A DESCOBERTA DO LIVRO DE MÓRMON

**Presidente Marion G. Romney**  
Segundo Conselheiro da Primeira Presidência  
Ilustração de Sherry Thompson

“**Q**uem descobriu a América?” perguntou o professor.  
“— Colombo”, responderam todos os alunos, menos um que disse: “— Fui eu.” Todos acharam graça.

Entretanto, um ponto digno de nota tinha sido levantado. Aquela criança, na verdade, descobrira tudo o que sabia sobre a América.

O Profeta Joseph Smith escreveu: “Eu disse aos irmãos que o Livro de Mórmon era o livro mais correto do mundo e a pedra angular de nossa religião e que, pelo cumprimento de seus preceitos, o homem

chegaria mais próximo de Deus, do que através de qualquer outro livro.” (*History of the Church* 4:461).

Eu havia descoberto que essa afirmação do Profeta era verdadeira.

Quando era garoto, a história dos ladrões de Gadianton me fascinava. Havia numerosas cavernas nas montanhas ao norte do México, onde morávamos e quando as exploramos, encontramos antigas pontas de flechas e outras relíquias. Nas paredes das cavernas, havia estranhos desenhos e hieróglifos. Ficamos a imaginar se elas não tinham sido usadas como esconderijo pelos salteadores. As muitas histórias que corriam e a todos encantavam, levaram-me a ler e reler o que está escrito no Livro de Mórmon sobre esses salteadores.

Mais tarde, em meu primeiro ano colegial, na Academia de Cassia, o texto que usávamos na classe de teologia era o Livro de Mórmon. Recentemente, encontrei no caderno que usava então, um breve relatório sobre o conteúdo de cada capítulo do livro.

Ainda mais tarde, entre 1920 e 1923, quando no campo missionário, tornei-me um pouco mais familiarizado com o Livro de Mórmon.

Meu verdadeiro companheirismo com o Livro de Mórmon, e meu amor a ele, desabrocharam entre 1929 e 1941, enquanto praticava a advocacia.

Ao terminar meu curso de direito, tendo passado pelos exames, fui considerado apto para exercer

## Quando era garoto, a história dos ladrões de Gadianton me fascinava.

Havia numerosas cavernas nas montanhas ao norte do México, onde morávamos, e quando as explorávamos, encontramos antigas pontas de flechas e outras relíquias. Nas paredes das cavernas havia estranhos desenhos e hieróglifos.

a profissão de advogado. Comecei então a me preocupar sobre se poderia ou não viver os padrões do Evangelho de Jesus Cristo e ser um advogado, ao mesmo tempo. Meu pai também se preocupava com isso. Eu não sabia se ele tinha ouvido a história, mas contaram-me que um "piadista", passando diante de uma sepultura num cemitério, leu, numa pedra, a inscrição: "Aqui jaz John Brown, um advogado e um homem honesto", ao que ele acrescentou: "Como é que podem ter enterrado os três na mesma sepultura?"

Lembrando-me da avaliação do Livro, feita pelo Profeta Joseph Smith, decidi agir da seguinte maneira:

Chegava ao meu escritório de advocacia meia hora antes de meus sócios, fechava a porta e levava 30 minutos toda manhã, orando e lendo as Escrituras. Durante os 12 anos em que exerci a advocacia, li todo o Livro de Mórmon nove vezes, e desde aí, o tenho lido muitas vezes mais.

Magníficas são as lições ali encerradas. Considerem comigo os seguintes exemplos:

Primeiro, a fé e a **coragem** demonstradas por Néfi.

Podemos lembrar que seus irmãos reclamaram, quando seu pai Léhi lhes disse que o Senhor desejava que eles fossem "à casa de Labão buscar os anais". Mas Néfi respondeu: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens, sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas". (1 Néfi 3:4, 7).

Néfi e seus irmãos chegaram à terra de Jerusalém, e "a sorte para ir negociar as placas com Labão" recaiu sobre Lamã. Ele foi, mas não as conseguiu, e ao voltar para junto de seus irmãos, persuadiu a todos, com exceção de Néfi, que deviam voltar para seu pai sem as placas. Néfi, entretanto, disse: "Assim como vive o Senhor e vivemos nós, não voltaremos a nosso pai no deserto até termos cumprido o que o Senhor nos ordenou." (1 Néfi 3:10-11, 15.)

Consegui convencê-los, então, a voltar à terra de sua herança para buscar seu ouro e sua prata e outras coisas preciosas e com elas tentar obter as placas, o que eles fizeram, mas Labão recusou-se a entregá-las. Pelo contrário, apoderou-se de suas riquezas, e eles tiveram que fugir para salvar a vida.

Novamente fora dos muros de Jerusalém, Lamã e Lemuel, muito irados, açoitaram Néfi e Sam com

uma vara. Néfi, então, entrou na cidade sozinho e, com a ajuda do Senhor, obteve as placas.

O teor de sua fé foi dramaticamente demonstrado em muitas ocasiões subseqüentes. Quando se empenhava em construir um navio, obedecendo às ordens do Senhor, seus irmãos zombaram dele e se lhe opuseram, dizendo que ele não seria capaz de construí-lo. Néfi, entretanto, lhes disse: "Se Deus me ordenasse que fizesse todas as coisas, eu as poderia fazer. Se ele me ordenasse que dissesse a esta água: Converte-te em terra, ela se converteria; e, se eu dissesse, assim seria feito" (1 Néfi 17:50).

Bem, ele construiu um navio e nele levou seus queixosos irmãos, através do oceano.

Outra lição de grande valor que aprendi do Livro de Mórmon é sobre como podemos saber se nossos pecados foram perdoados. A resposta ficou bem clara para mim, ao meditar a respeito dos primeiros versículos do quarto capítulo de Mosiah.

Um dos maiores discursos das Escrituras está registrado nos primeiros capítulos de Mosiah. É a despedida do Rei Benjamim a seu povo.

Assim dizem os três primeiros versículos do capítulo 4 de Mosiah:

"E aconteceu então que, tendo o rei Benjamim acabado de falar as palavras que lhe haviam sido ditas pelo anjo do Senhor, lançou seus olhos sobre a multidão ao redor, e eis que haviam caído por terra, porque o temor do Senhor se havia apoderado deles.

E se haviam julgado a si próprios, em seu estado carnal, menos ainda que o pó da terra. E todos clamaram a uma voz, dizendo: Oh! Tende misericórdia de nós e aplicai o sangue expiatório de Cristo, para que possamos receber o perdão de nossos pecados, e nossos corações sejam purificados; pois cremos em Jesus Cristo, o Filho de Deus, Criador dos céus, da terra e de todas as coisas; que descera entre os filhos dos homens.

E aconteceu que, depois de terem pronunciado essas palavras, sobre eles desceu o Espírito do Senhor e os encheu de alegria, tendo recebido a remissão de seus pecados, e tendo paz de consciência, por causa da profunda fé que tinham em Jesus Cristo que haveria de vir." (Mosiah 4:1-3; Itálicos acrescentados).

Todo aquele que descobrir o Livro de Mórmon e cumprir os seus ensinamentos, estará no caminho da vida eterna.



**S**erei sempre grato, até à morte, por não haver escutado alguns de meus amigos, quando, um rapazola que ainda não tinha completado os vinte e um anos, tomei o trabalho de viajar do Condado de Utah (ao norte de Utah) até St. George, (ao sul de Utah), para casar-me no Templo de St. George. Isso se deu antes que a estrada de ferro chegasse ao sul de Utah, e, por isso, tivemos que fazer o resto do percurso em um carroção. Naquele tempo, era uma longa e difícil viagem, por estradas péssimas, durante vários dias. (A distância coberta pelo trem, de Salt Lake City até o Condado de Utah, era de, aproximadamente, 74 quilômetros, e a distância percorrida pelas carroças puxadas a cavalo, do Condado de Utah até St. George, era de cerca de 445 quilômetros).

Foram muitos os que me advertiram que não me empenhasse em tanto sacrifício — empreender aquela extensa viagem até St. George para me casar. Arrazoavam que eu poderia ser casado pelo presidente da estaca ou pelo bispo, e quando o templo de Salt Lake estivesse pronto, eu poderia dirigir-me para lá com minha mulher e meus filhos e então seríamos selados um ao outro, e nossos filhos a nós, para a eternidade.

## “Sua Mãe não Chegou a ver o Templo do Lago Salgado Terminado”

**Presidente Heber J. Grant**  
Sétimo Presidente da Igreja

Por que não quis escutá-lo? Porque desejava casar-me para o tempo e a eternidade — porque queria começar a vida direito. Mais tarde, tive ocasião de me regozijar muito por causa dessa minha determinação de me casar no templo daquela vez, e não esperar até uma ocasião mais oportuna.

Há alguns anos, membros da junta geral da AMM, Moças viajavam pelas estacas de Sião, falando sobre o casamento. Instavam com o povo para começar sua vida juntos, pelo caminho certo, nos templos do Senhor.

Eu estava fora, em uma das estacas, assistindo à conferência, quando uma de minhas filhas, que era a representante da junta geral das moças disse, na conferência:

“Sou muito grata ao Senhor por ter nascido sob o convênio, de pais que tinham sido devidamente casados e selados no templo do Senhor.”

As lágrimas vieram-me aos olhos, porque sua mãe morrera antes que o Templo de Salt Lake ficasse pronto, e eu me sentia grato por não ter ouvido as sugestões dos amigos que tinham procurado dissuadir-me da idéia de ir ao Templo de St. George para me casar. Senti-me muito grato pela inspiração de me haver determinado a começar a vida direito.

Por que me ocorreu isso? Porque minha mãe acreditava no Evangelho, ensinou-me o seu valor, despertou em mim o desejo de alcançar todos os benefícios advindos de se começar a vida direito e de fazer as coisas conforme os ensinamentos do Evangelho.

Eu acredito que nenhum jovem Santo dos Últimos Dias digno, homem ou mulher, deveria poupar esforços no sentido de procurar a casa do Senhor, para começar a vida juntos. Os votos do casamento feitos nesses lugares santificados, e os sagrados convênios realizados para o tempo e a eternidade, fortalecem contra muitas das tentações da vida que podem levar à destruição dos lares e da felicidade.



# A "BÍBLIA DE OURO"

Maurine Beecher

**M**ary Elizabeth jamais vira um exemplar do Livro de Mórmon. O Irmão Morley, que presidia sobre o pequeno ramo de Kirtland, Ohio, contou-lhe o que os missionários diziam sobre os sagrados escritos das placas de ouro. Ela tinha ouvido sobre o Profeta Joseph Smith e de como ele as havia traduzido, mas Mary Elizabeth nunca tinha visto o livro, propriamente.

Como demorou a chegar, o dia de poder lê-lo! Tinha apenas dez anos então, e havia aprendido a ler estudando a Bíblia, que era o único livro em muitos lares, naqueles tempos, cerca de 150 anos atrás.

Era solitário ser apenas uma das poucas pessoas, em sua vizinhança, que acreditavam no Evangelho restaurado. O próprio Irmão Morley era recém-converso, e ele também se sentia isolado, desde que os primeiros missionários tinham partido.

Chegou então outro missionário, John Whitmer, que vira realmente as placas de ouro e as havia tocado. E trouxe consigo um exemplar do Livro de Mórmon.

Mary Elizabeth ouviu logo falar de sua chegada. Haveria uma reunião aquela tarde, em casa do Irmão Morley, uma vez que o ramo não tinha uma capela para reuniões. Mary Elizabeth chegou à

porta do Irmão Morley, aquela tarde, esperando descobrir mais sobre o livro e ficou desapontada por ver que o Irmão Whitmer não estava lá. Mas ele havia deixado o livro!

— Gostaria de vê-lo? perguntou o Irmão Morley.

— Oh, sim, por favor! respondeu Mary Elizabeth. O Irmão Morley trouxe-o e o colocou em suas mãos. Ao tomar o precioso livro, ela estava tão ansiosa de o ler, que não podia sequer pensar em devolvê-lo.

— Mas, Mary Elizabeth, protestou o Irmão Morley, muitos dos irmãos ainda não o leram, e eu mesmo não terminei sua leitura.



— Poderia eu lê-lo, enquanto você está na Igreja? Acho que poderia trazê-lo de volta após o término do serviço, conciliou Mary Elizabeth.

— Mas então será bem tarde, replicou o Irmão Morley, e você terá que caminhar pelo escuro, para chegar até aqui, de volta de sua casa.

Entretanto, quando o Irmão Morley olhou para os olhos suplicantes de Mary Elizabeth, não pôde mais recusar. — Menina, disse ele, bondosamente, se você me trouxer o livro de volta antes do desjejum, amanhã cedo, eu a deixo levá-lo.

Se pudermos imaginar alguém completamente feliz, de posse de um tesouro, esse alguém era Mary Elizabeth. Ela voou para casa onde morava com seus tios, e entrou correndo e exclamando: — Aqui está a “Bíblia de Ouro”... Sua notícia causou alguma consternação. Mary Elizabeth foi repreendida por ter sido impertinente, a ponto de pedir tal favor ao Irmão Morley, quando nem ele mesmo tinha lido o livro.

Mas era por algumas horas apenas que ela o teria, e seus tios estavam tão ansiosos quanto Mary Elizabeth, de conhecer o seu conteúdo. Assim, revezando-se, a família lia em voz alta as sagradas páginas. Chegou o crepúsculo, e eles continuavam a ler. As velas foram acesas e eles liam ainda, e assim continuaram pela noite adentro, até tarde. Foi difícil aban-

donar o livro e ir para a cama, e agora, deitada em seu catre, Mary Elizabeth recordava, antes de dormir, as belas palavras iniciais: “Eu, Néfi, tendo nascido de boa família...”

A luz da manhã acordou Mary Elizabeth que, de um salto, já estava de pé e lendo o livro de novo. E até pouco antes do desjejum, ela ainda lia sobre o antigo povo de Deus nas Américas.

Era cedo ainda, quando chegou à casa do Irmão Morley com o livro. “Antes do desjejum”, havia prometido, e a família do Irmão tinha acabado de levantar-se.

Mary Elizabeth entregou o livro ao Irmão Morley. — Acho que você não pôde ler muito, comentou o Irmão. Ela indicou-lhe o marcador do livro, mostrando o trecho onde eles tinham parado de ler, na noite anterior. Ele surpreendeu-se. — Não creio que você possa dizer-me uma única palavra dele, desafiou, pensando que ela o tinha lido tão às pressas, que não poderia lembrar-se de mais nada.

“Eu, Néfi, tendo nascido de boa família...” começou Mary Elizabeth, e prosseguiu a recitação, explicando-lhe o que tinha lido e ouvido da história de Néfi e sua família.

O Irmão Morley olhou para a garota, sem poder acreditar. Ela havia lido mesmo; e ainda tinha decorado alguns versículos! Ele podia ver-lhe nos olhos o seu amor pelo livro. — Menina, disse ele,

leve esse livro para casa e termine sua leitura. Eu posso esperar.

Não deu tempo de terminar o livro todo de uma vez, mas poucos dias depois, Mary Elizabeth chegou ao último capítulo. Nesse meio tempo, o Profeta Joseph Smith chegou a Kirtland. Enquanto estava lá, ele visitou o tio de Mary Elizabeth. Contudo, ela não estava em casa. Notando o Livro de Mórmon sobre a lareira, o Profeta Joseph Smith perguntou sobre ele: — Mandei esse livro para o Irmão Morley, disse ele, como é que está aqui? O tio de Mary Elizabeth explicou como sua sobrinha havia convencido o Irmão Morley a emprestar-lhe o livro.

— Gostaria de conhecer a garota, disse o Profeta.

Mandaram procurá-la. Ela chegou sem fôlego, e olhou, pela primeira vez, dentro dos olhos do profeta de Deus.

— Como são azuis, pensou ela, e profundos! Sinto-me como se ele pudesse ler meus pensamentos. Após uma longa pausa, o Profeta, calma e deliberadamente, aproximou-se dela, pôs as mãos em sua cabeça e lhe deu uma bênção, a primeira que ela recebeu.

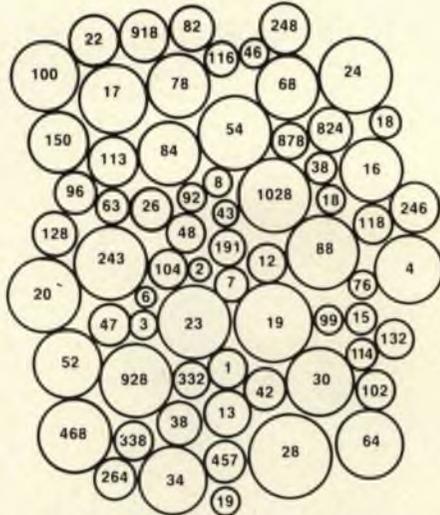
A visita terminou tão cedo! Mas antes de sair, o Profeta deu a Mary Elizabeth um exemplar do Livro de Mórmon que seria dela mesmo!

Ela leu o precioso volume muitas vezes. E a cada leitura, Mary Elizabeth se lembrava outra vez de sua emoção, quando o tocara pela primeira vez, e do Profeta que o traduzira e a presenteara com o livro e uma bênção.

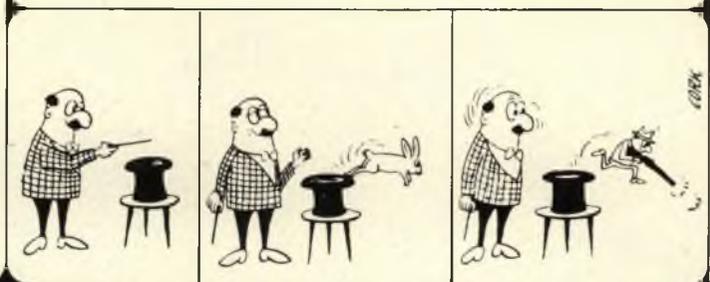
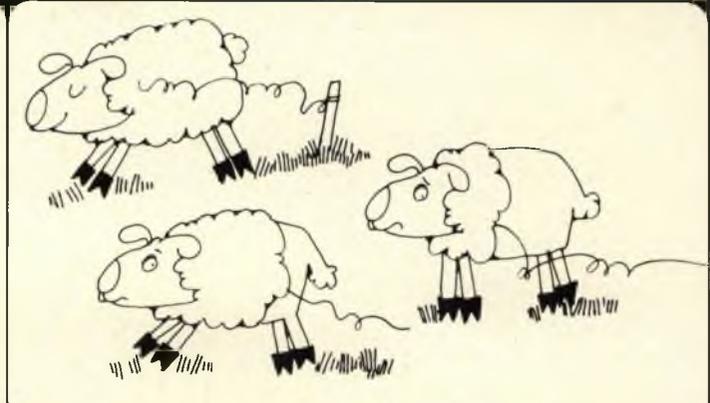


# O NÚMERO OCULTO

Por Richard Latta

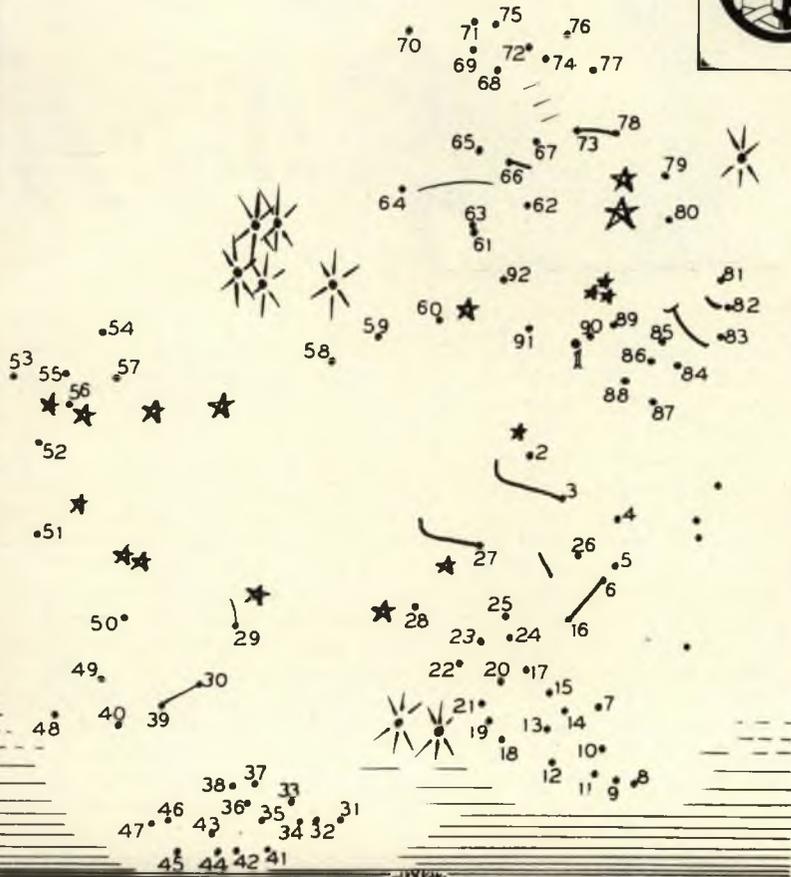


Preencha todos os números ímpares para encontrar o número oculto.



# CAPRICÓRNIO

Por Roberta L. Fairall

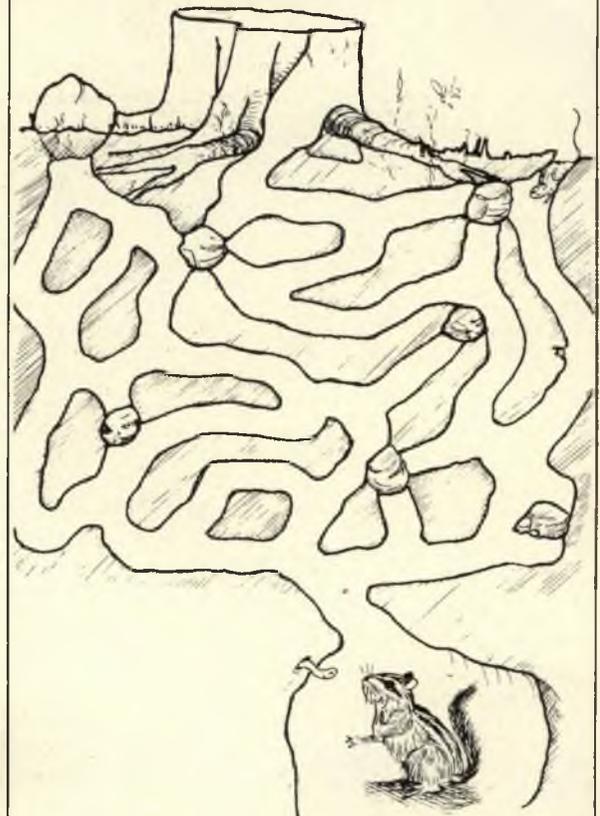


Na primavera, aparece no hemisfério sul este agrupamento de estrelas. Ligue os pontinhos, para ver por que figura mitológica os antigos povos designavam esta constelação.

# SO PARA DIVERTIR

## LABIRINTO DO ESQUILINHO

Por Lola Frank



Vamos ajudar o esquilininho Fuça-Fuça a encontrar o caminho que leva à entrada secreta do tronco da árvore?



**C**om o pé esquerdo defeituoso, era muito difícil para Juva andar depressa, mas ele podia ainda acompanhar as cabras. Ele sabia que podia. Entretanto, quando seu irmão mais velho, Rollo, estava prestes a sair para a escola, na cidade, Juva não se surpreendeu de que o irmão e o pai olhassem para ele interrogativamente. — Outra pessoa tem que pastorear as cabras, não você, Juva, disse Rollo, enquanto dobrava um par sobressalente de calças de couro.

— Eu posso fazer isso, disse Juva, esticando-se, a fim de parecer um pouco mais alto, eu posso seguir as cabras.

O pai e o irmão ficaram um momento sem resposta, mas Juva podia perceber seus olhos pousados sobre ele, significativamente. Então seu pai limpou a garganta e falou:

— Você pode segui-las, Juva, é verdade, mas será que pode manter-se ao lado delas? Poderá impedi-las de descerem a montanha antes do tempo?

— Você ainda não tem o tamanho que eu tinha, quando comecei a pastorear as cabras, disse Rollo.

— Eu posso fazer isso! Sei que posso! exclamou Juva. Sempre que seguia Rollo, Juva sonhava com o dia em que seu pé estivesse curado para conseguir manter as cabras reunidas, como fazia o irmão.

Seu pai fora, durante muitos anos, pastor de cabras para Herr Winkler, e Rollo o substituíra nesse trabalho. Agora era vez de Juva, e embora seu pé o obrigasse a mancar, caminhando com dificuldade, ele precisava tentar.

— Os rapazes da vila sabem que estou de partida, disse Rollo, fechando bem apertada sua mochila. Eles vão pedir o emprego a Herr Winkler. Mencionei-lhe seu nome, mas você mesmo deve falar com ele.

Durante todo o trajeto para a casa grande na montanha, Juva tentou, com a maior dificuldade, andar sem coxear, movendo-se o mais rápido que podia, mas Rollo tinha razão. Dois dos rapazes da vila tinham chegado antes dele.



# O Topo da Montanha



Herr Winkler voltou-se para saudá-lo. — Juva, você veio! Eu disse aos rapazes que você viria.

Os outros olharam para Juva, e seus olhos falavam de suas dúvidas.

— Juva anda muito devagar, disse um deles.

— As cabras correm e saltam como o vento na montanha, disse o outro.

Herr Winkler concordou: — É verdade, é verdade, disse ele, mas é a vez de Juva. E ele terá a sua vez.

Juva voltou para casa com o coração transbordando, e seu pai fez apenas um ligeiro comentário: — Nossa família faz bem o trabalho, Juva.

Durante os longos dias de verão, Juva seguiu as cabras. Ficava muito cansado, quando tinha que correr para ficar à frente delas e guiá-las, e quando chegava aos altos prados, o pé coxo lhe doía.

Às vezes, ao pisar a grama espalhada pelo sopé da montanha, Juva desejava descansar um pouco. — Por que não parar aqui com as cabras? pensava ele. Ninguém precisa ficar sabendo. Na certa, as cabras encontrarão grama para pastar, e à noite eu não estarei tão longe para levá-las de volta aos estábulos de Herr Winkler.

Mas, nesses momentos, ele se lembrava das palavras do pai e via que

tinha de encaminhar as cabras para as mais altas pradarias, onde crescia a melhor grama e onde elas pastavam com vontade, nos longos dias de verão.

Ao chegar o outono e cobrindo as primeiras nevadas o alto das montanhas, não havia mais necessidade de guiar as cabras. Elas ficavam abrigadas e aquecidas nos estábulos de Herr Winkler, deliciando-se com o feno que ele havia armazenado para elas enfrentarem o duro inverno. Um dia, Herr Winkler apareceu à porta da pequena cabana em que Juva morava com o pai.

— É uma honra para nós a sua presença, Herr Winkler, disse o pai de Juva, oferecendo a melhor de suas cadeiras.

— É a sua família que me honra, respondeu Herr Winkler; todos aqui me têm honrado com seu trabalho, e ninguém me tem servido melhor do que Juva. As cabras nunca deram tanto leite e o seu pêlo nunca foi tão macio. Cada dia Juva leva para um lugar mais alto da montanha, onde o pasto é melhor. Ele me tem ajudado muito, e agora é minha vez de ajudá-lo.

Juva olhou espantado para o visitante. Que queria dizer Herr Winkler? Juva não tinha cabras para serem tratadas. Como poderia esse homem ajudá-lo?

— Cheguei à cidade um doutor famoso, disse Herr Winkler. Ouve dizer que ele tem conseguido maravilhas, e gostaria de que ele examinasse Juva.

O coração de Juva pôs-se aos saltos. Seria possível? pensava ele, eu, Juva, ia poder correr atrás das cabras? Ia poder, um dia, correr e brincar com os outros garotos?

Depois que Herr Winkler saiu, o pai de Juva voltou-se para ele.

— Você me fez sentir muito feliz esta noite, filho. Sabe por quê?

Juva pensou um instante. — Por que Herr Winkler quer levar-me ao grande médico? perguntou ele.

— Sim, em parte é, disse o pai, mas não é só por isso; há ainda um motivo mais importante.

Juva ficou novamente em silêncio algum tempo, e depois perguntou: — O inverno está muito frio, e você está contente porque as cabras estão todas bem, e aquecidas?

O pai passou o braço em volta de seu ombro. Juva olhou para o pé defeituoso, sentindo crescer em seu coração a esperança de que não seria sempre assim.

— Não é só por causa das cabras, Juva, disse o pai, e pela possibilidade de ver seu pé recuperado, mas estou feliz, principalmente porque você chegou ao topo da montanha.

**O**s filisteus tinham reunido suas forças nos flancos de um monte da terra de Judá. Vieram pelear com o Rei Saul e seus guerreiros de Israel que estavam acampados no monte oposto ao dos invasores, ficando entre eles o vale de Elá.

Certa manhã, surgiu, a passos largos, dentre as fileiras dos filisteus, um guerreiro valente a insultar os de Israel. Seu nome era Golias, um verdadeiro gigante. Diz a Bíblia que ele tinha “seis côvados e um palmo”, ou seja, cerca de três metros de altura. Usava um capacete de bronze para proteger-se, e uma pesada armadura envolvia-lhe o corpo e as pernas. Um servo o precedia, levando seu pesado escudo.

Portando uma gigantesca lança, como uma haste de tear, Golias bradou aos exércitos de Israel: “Para que saireis a ordenar a batalha? Não sou eu filisteu e vós servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça a mim. Se ele puder pelear comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém se eu... o ferir, então sereis nossos servos e nos servireis.”

E acrescentou Golias: “Hoje desafio as companhias de Israel, dizendo: Dai-me um homem, para que ambos pelejemos.”

Saul e seu povo ficaram aterrorizados com os brados daquele gigante fanfarrão. Golias repetiu seu desafio aos israelitas que tremiam de medo, pela manhã e à tarde, durante quarenta dias.

A esse tempo vivia em Belém de Judá um ancião chamado Jessé, que tinha oito filhos. Os três mais velhos, Eliabe, Abinadabe e Sama, estavam na peleja contra os filisteus, entre os guerreiros do Rei Saul, mas seu filho mais novo, Davi, continuava em casa, a guardar os rebanhos de seu pai.

Um dia, enquanto os exércitos ainda se empenhavam em luta, Jessé chamou dos campos Davi, e lhe pediu que tomasse um efa (21 litros) de grãos de milho torrados e dez pães, para levar a seus irmãos que estavam no campo de batalha, e ver se eles estavam bem. Davi deveria levar também dez queijos para o comandante de seus irmãos, “chefe de mil”.

Nem bem Davi chegou às trincheiras e saudou seus irmãos, Golias apareceu para apavorar os exércitos israelitas, com suas afrontas diárias. Os homens de Saul fugiram aterrorizados à sua aproximação. Davi espantou-se com sua falta de coragem e perguntou a alguns daqueles soldados que batiam em retirada: “Quem é pois este... filisteu para afrontar os exércitos do Deus vivo?”

Quando Davi perguntou por que todos pareciam tão temerosos diante do gigante, a pergunta foi levada ao Rei Saul que mandou procurar o jovem pastor. E Davi disse a Saul: “Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele (Golias); teu servo irá e pelejará contra este filisteu.”

“Contra este filisteu não poderás ir para pelear com ele”, disse Saul, “pois tu ainda és moço, e ele homem de guerra desde a sua mocidade.”

Davi respondeu a Saul que ele apascentava muito bem as ovelhas de seu pai e que, com a ajuda do Senhor, tinha matado um leão e um urso que haviam tomado uma de suas ovelhas. E disse mais o bravo jovem: “O Senhor me livrou da mão do leão e da do urso; ele me livrará da mão deste filisteu.”

Disse então Saul a Davi: “Vai-te embora e o Senhor seja contigo.”

E colocou na cabeça de Davi seu próprio capacete. Vestiram-lhe uma pesada cota de malha e foi-lhe entregue uma espada. Mas Davi sentiu-se muito desajeitado dentro daquele estranho e pesado equipamento. Tirou a armadura, devolveu a espada e tomando seu cajado de pastor, ajoelhou-se junto a um riacho. Entregando o coração ao Senhor numa prece, ele escolheu cinco seixos bem lisos e os colocou em seu alforje de pastor e, levando sua funda e seu cajado, Davi foi encontrar-se com o gigante Golias.

# "O Senhor

(1 Samuel 17)



Com o escudeiro caminhando à sua frente, Golias preparava-se para a batalha. Mas, quando viu aquele jovem pastor que vinha lutar contra ele, considerou-se insultado e começou a bradar: “Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus?” E “amaldiçoou a Davi pelos seus deuses” e gritou ferozmente: “Vem a mim e darei tua carne às aves do céu e às bestas do campo.”

Mas Davi não temia e respondeu sem hesitar: “Tu vens a mim com espada e com lança, e com escudo, porém eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão, e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça... e toda a terra saberá que há Deus em Israel.”

Enquanto corria ao encontro de Golias, tomou de uma pedra de seu alforje e a colocou na funda. Então, com um forte arremesso, ele atirou a pedra que foi cravar-se bem fundo na testa do gigante.

Golias, atordoado pela pancada, cambaleou por um momento e caiu de rosto por terra, morto. Pouco depois, Davi cumpriu sua promessa e decapitou o gigante com a própria espada de Golias. Os filisteus, ao verem seu chefe caído sem vida, fugiram todos.

Ilustração de Gary Kapp

# Me Livrará”



# Figuras Escondidas

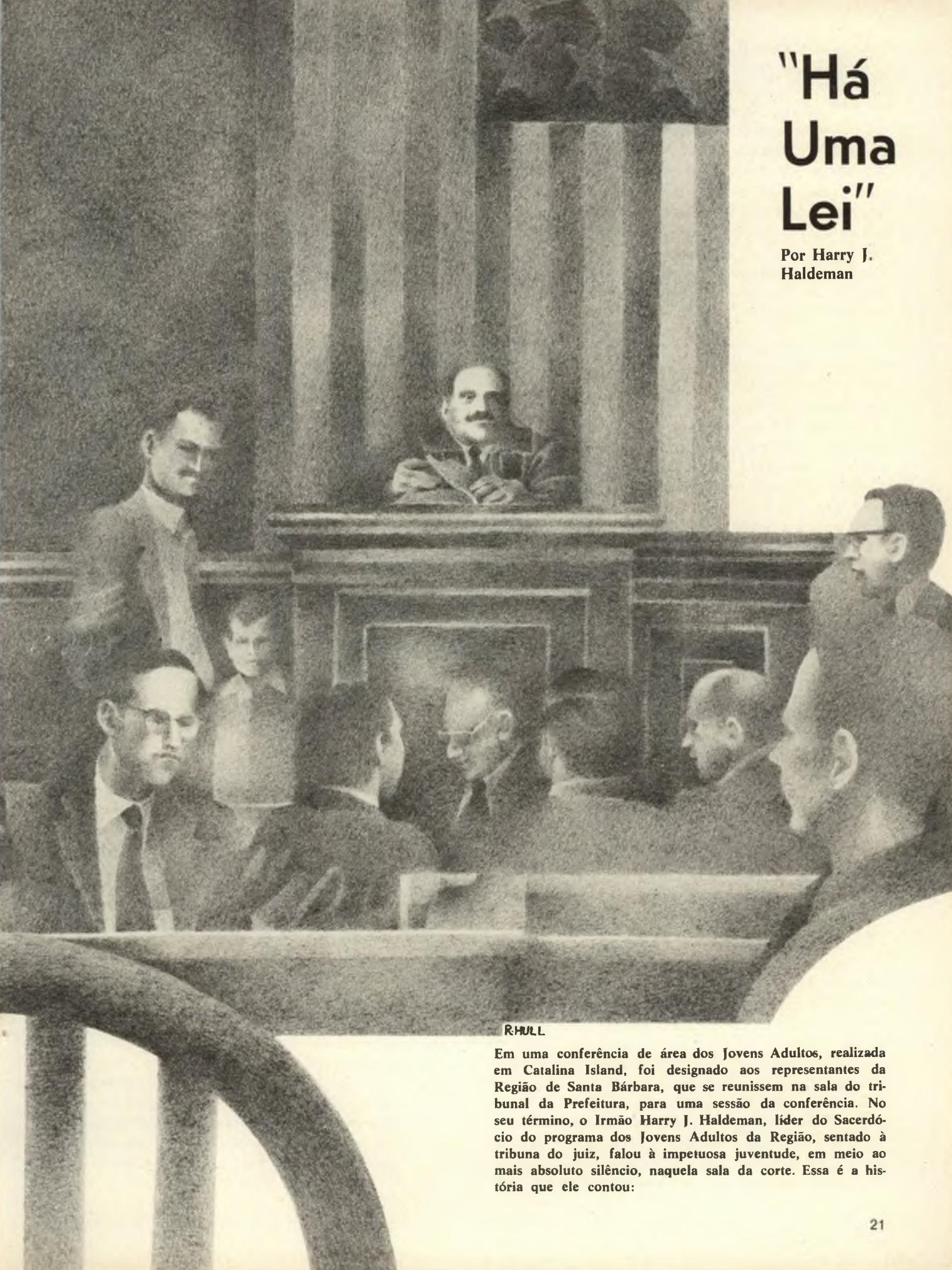


Procure encontrar uma rã, uma tartaruga, uma borboleta, um caracol e uma formiga; depois, pinte a figura.



# "Há Uma Lei"

Por Harry J. Haldeman



R:HULL

Em uma conferência de área dos Jovens Adultos, realizada em Catalina Island, foi designado aos representantes da Região de Santa Bárbara, que se reunissem na sala do tribunal da Prefeitura, para uma sessão da conferência. No seu término, o Irmão Harry J. Haldeman, líder do Sacerdócio do programa dos Jovens Adultos da Região, sentado à tribuna do juiz, falou à impetuosa juventude, em meio ao mais absoluto silêncio, naquela sala da corte. Essa é a história que ele contou:

**M**eu nome é Harry J. Haldeman e moro, presente-mente, em Santa Bárbara. A história que vou re-latar é verdadeira e a contarei exatamente como ocorreu. No começo da década de 1950, eu era o bispo da Ala de Rosemead, da Estaca Leste de Los Angeles, Califórnia. Era uma ala de tamanho médio, de cerca de 500 membros. Havia na área missionários de tempo integral que estavam empenhados em distribuir folhetos por toda a nossa rua. Chegaram, um dia, à casa de um homem que os convidou a entrar e, em poucas palavras, eles apresentaram sua introdução e fizeram seus comentários iniciais. Por alguma estranha razão desconhecida, mes-mo para ele, este homem a quem chamarei de Bob, os convidou a voltar.

Bob recebeu depois as lições do Evangelho, juntamente com sua mulher e o filho pequeno. Ao término das lições, Bob decidiu tornar-se membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sua mulher, no entanto, estava completamente desinteressada. Ela sentia que estava perdendo o amor por seu marido, pois ele era um beerrão contumaz e inveterado. Mas ele se conservava sóbrio durante a semana e mantinha um bom emprego. Tinha bebido tanto, por tantos anos, que havia destruído completamente toda a sua afeição, a ponto de não fazer caso do que ele dizia. Não acreditava que ele se filiasse à Igreja ou que, se o fizesse, fosse capaz de abster-se do álcool. Assim, ela lhe disse: — Se quer filiar-se a essa igreja, vá em frente, mas eu não estou interessada. Às vezes, penso que a única razão que ainda me prende a você é a minha própria segu-rança e a de nosso filho, nada mais.

Assim, sob essa perspectiva realmente nada promissora, Bob foi batizado. Devido aos compromissos assumidos em sua entrevista pré-batizmal, e às lições aprendidas, ele se absteve totalmente, daquele dia em diante, do uso do álcool e do fumo, para grande surpresa de sua mulher. Desneces-sário é dizer que ela começou a ver os frutos de sua con-versão e a realidade dela em sua vida, e sua atitude foi aos poucos se abrandando. Passou a ver a Igreja com outros olhos e acabou batizando-se, juntamente com o filho.

Logo Bob fez grandes progressos na Igreja. Eu o cha-mei para ser chefe escoteiro da tropa da ala. Ele aceitou o chamado e nele funcionava, desenvolvendo um excelente trabalho.

Por ter-se embriagado durante tantos anos, ele havia acumulado um extenso registro de condenações, por dirigir alcoolizado, e por outras transgressões sórdidas e corrompi-das, relacionadas à bebida, até que finalmente lhe cassaram a carta de motorista e ele, impedido de dirigir, observava escrupulosamente esse regulamento, aceitando que a mulher dirigisse pela família. Morava tão perto da capela, que podia ir a pé para a igreja. Um dia, ele deixou seu em-prego como expedidor de uma fábrica e passou para outra firma, com um cargo muito melhor. Como em seu emprego anterior, ele esperava poder contar com a condução cole-tiva da empresa como transporte para o trabalho, mas, logo

na primeira manhã, ficou sabendo que não haveria ali essa oportunidade. Assim, cheio de temor e apreensão, decidiu que não tinha outra alternativa senão dirigir.

Em seu caminho para o trabalho, ele estava procedendo normal e ordeiramente, quando, por alguma ligeira trans-gressão — acho que associada à mudança de mão em alguma rua, ou qualquer coisa assim — um guarda o parou. É claro que ficou logo constatado que ele não possuía carta de habilitação para dirigir. Ele nada contou a ninguém sobre as conseqüências reais da ocorrência.

Aquele dia, quando cheguei em casa, de volta do traba-lho, Bob me chamou, dizendo: — Bispo, sinto muito dizer-lhe, mas tenho que lhe pedir que me desobrigue do cargo de chefe dos escoteiros da ala, bem como de minha desig-nação como professor da ala, e terei que ficar bastante tempo sem poder freqüentar a igreja. Quero que me des-culpe por tudo e me deixe sozinho nisso. É, na verdade, tudo quanto tenho a dizer.

É óbvio que essa declaração foi um choque para mim. Mal podia crer no que ouvia, mas, sem dúvida alguma, sabia que ele falava sério. Tentei fazê-lo contar-me o que acontecera, mas ele se esquivou. Não queria mesmo discutir o caso. Insisti e, por fim, depois de algum tempo, acabou por me contar em poucas palavras que tinha sido pego por uma transgressão de trânsito e, devido à sua longa história e aos antecedentes de transgressão por dirigir alcoolizado, ele sabia, com absoluta certeza, que seria preso, quando tivesse que responder ao processo na corte. E me disse: — Você não quer que seu chefe escoteiro seja um presidiá-rio, nem a Igreja quer associar-se com pessoas desse tipo; assim, eu me desassocio dela e dos meus cargos, e vocês simplesmente me deixarão ir com os meus próprios proble-mas, e não precisam preocupar-se comigo: acabarei por encontrar meu caminho de volta.

Recusou-se a me dizer onde tinha ocorrido a transgres-são de trânsito e quando deveria apresentar-se perante a corte. Sua mulher pouco sabia a respeito, mas com algum trabalho de investigação, bancando o detetive, descobri afinal, o lugar onde ele tinha que responder em juízo, a gravidade da transgressão e a data da sua audiência. Ajei-tando daqui e dali meu horário de trabalho, consegui com-parecer à audiência, naquele dia. Bob não sabia que eu viria e não me lembro se sua mulher sabia ou não. Con-tudo, na data em que ele deveria estar presente, sua mulher e eu chegamos à corte na mesma hora.

A sala do tribunal era típica. A entrada era por trás. Havia umas quatro filas de cadeiras, do tipo das de teatro, nas quais os espectadores e as futuras testemunhas e pes-soas interessadas poderiam sentar-se. Logo à frente dessas filas, havia uma grade. Por dentro dela, uma área um tanto espaçosa, provida de várias mesas, onde os advogados e defensores sentavam, e além dessas mesas, ficava o assento do juiz. À sua direita, postavam-se os escrivães da corte; à sua esquerda, a cadeira onde se sentava a pessoa a ser inquirida. Do outro lado, ficava a banca do júri.

Procuramos um lugar na segunda fila da frente, ao lado direito. A cadeira do juiz ficava à nossa esquerda. Posso calcular em 15 a 20 metros a distância do lugar onde estávamos até o assento do juiz.

Os primeiros réus foram chamados para depor, um após outro. Eles faziam suas declarações, o juiz condenava ou absolvía, e dava o grau da sentença e as multas. Finalmente, chamou o nome de meu amigo Bob. Quando o fez, tinha nas mãos o extenso processo que representava os antecedentes daquele homem, com passagens em várias delegacias do Estado da Califórnia. Enquanto Robert permanecia de pé, diante do juiz, este levou alguns minutos a examinar e confrontar, uma por uma, as páginas do processo. Por fim, olhou para Robert e disse simplesmente:

— “O Senhor é ou não culpado, de dirigir sem carta?”

— “Sou culpado, Meritíssimo”, respondeu Robert. O juiz estava visivelmente perturbado e impaciente, quase que

enfurecido, diante do processo que tinha à sua frente, e da idéia de que aquele homem tinha dirigido sob tais circunstâncias, tendo sofrido pouca ou quase nula penalidade de prisão por suas transgressões. Assim, após algumas palavras protocolares de observação e advertência, ele baixou seu martelo, pronunciando: — “Um ano de prisão na cadeia do condado.”

Mandou, em seguida, que Bob se dirigisse à banca do júri que estava vazia — não havia jurados naquele dia — então ele teve que esvaziar os bolsos no pequeno cesto destinado a esse fim, e depois sentar-se, até ser levado no ônibus do delegado para a cadeia do condado.

Eu tinha vindo com o propósito de testemunhar em seu favor, havia-me preparado e orado diligentemente ao Senhor e, como seu servo e como bispo desse homem, poderia ter a oportunidade de falar à corte, na esperança de amenizar, até certo ponto, a natureza de sua punição. Sua esposa era uma mulher de pequena estatura, nada mais que



uns prováveis 1,47 m, e mal podia ser vista por alguém, em sua posição, sentada. E eu ali estava, atônito, chocado, mudo e paralisado, fechado em meus sentimentos, enquanto essa rápida condenação caía sobre ele. Robert ia-se sentando no banco do júri, conforme lhe fora ordenado, e eu me sentia gelado, sem fala, abatido pelo remorso. Continuava sentado e atônito; sabia que falhara. Acho que, se tivesse continuado sentado lá por mais tempo, e ponderado sobre tudo, poderia imaginar se o Senhor me havia falhado; tinha entrado na sala com uma fé firme, fizera tudo o que estava ao meu alcance para encontrar aquele lugar, para arranjar tempo, orara com diligência e esperara pela oportunidade de dizer alguma coisa em seu favor. Mas o que fora feito, fora feito. O homem estava condenado.

Nesse momento, o escrivão do tribunal entregou ao juiz o processo seguinte, para a outra pessoa a ser chamada. Houve um momento ou dois de pausa, para a chamada do réu seguinte. O juiz parecia estar estudando minuciosamente seu processo. Eu nada disse. Não levantei a mão, nem movi a cabeça ou o corpo. Meu rosto estava completamente inexpressivo. De repente, sem qualquer razão plausível, o juiz ergueu a cabeça, olhou através da sala, bem dentro de meus olhos e me disse em alta voz: — “Teria alguma coisa a dizer a essa corte, senhor?”

Fez-se silêncio então. Aturdido pelo inesperado da situação, finalmente respondi que sim. Fazer-me ele aquela pergunta, quando eu nem sequer fizera o menor sinal, colocou-me numa circunstância realmente espantosa. Eu me sentia então mais seguro agora do que antes, pela oportunidade que se me apresentava. Lembro-me de que levei alguns segundos para recuperar o sangue frio. Levantei-me devagar e, numa voz um tanto apagada e trêmula, disse: — “Sim, Meritíssimo, eu vim falar a este tribunal em favor do homem que acaba de ser sentenciado.”

Ao ouvir-me, ele olhou para meu amigo Bob e, quando mencionei seu nome, percebi que o escrivão devolveu lentamente ao juiz o mesmo processo que ele já tivera em mãos.

— “Bem, disse o juiz, que gostaria de dizer o senhor?”

Eu engoli em seco, uma porção de vezes. Notei que Bob me olhava. Até esse momento, ele se sentara de cabeça baixa. Consegui dizer: — “Meritíssimo, eu sou bispo n'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O homem que acaba de ser condenado e sentenciado à prisão na cadeia do condado, é um dos membros da ala dessa Igreja sobre a qual presido; ele é Escoteiro Chefe dos rapazes de minha ala e eu vim aqui para falar em sua defesa e dizer o que sei sobre ele. Ele já foi, por muito tempo, um alcoólatra, e já transgrediu a lei em vários aspectos. Mas há um ano e meio que esse homem se tornou membro d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e, desde aí, tem sido um membro fiel. Desde o dia de seu batismo, ele nunca mais tocou numa gota de álcool, fumou um cigarro ou tomou uma xícara de café, porque prometeu abster-se dessas coisas, se pudesse batizar-se. Ele

aceitou o chamado para ser Escoteiro Chefe e é um bom Chefe. É amado pelos rapazes de sua tropa e nós precisamos dele, além de que ele havia prometido que continuaria a ser um homem íntegro. Achei que, talvez, antes de o ter sentenciado, Meritíssimo, poderia gostar de saber dessas coisas.”

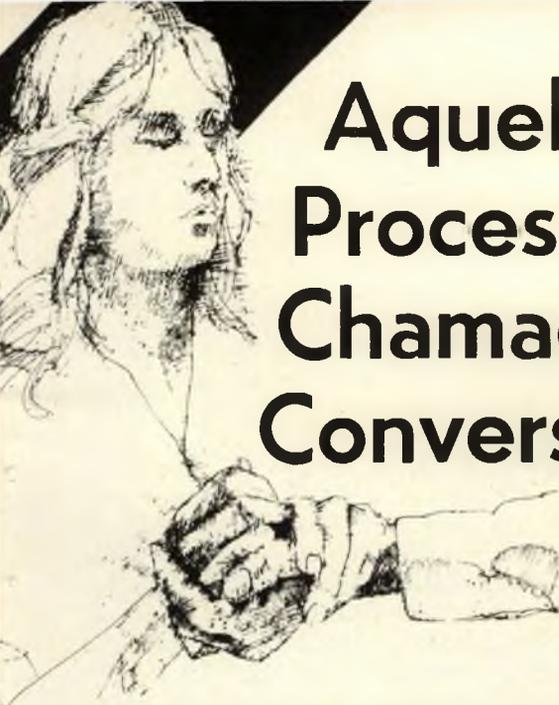
Houve um momento de silêncio. Estou certo de que não durou mais que alguns segundos; entretanto, aquele momento me pareceu uma eternidade. O juiz voltou-se para Bob, enquanto ele permanecia sentado do outro lado da sala, num banco do júri, e perguntou-lhe: — “É verdade o que diz este homem? Bob levantou os olhos para o juiz e replicou: — “Sim, Meritíssimo, é verdade.” O juiz então perguntou: — “Algum dia quebraria sua promessa feita a esse homem?” — “Não, Meritíssimo. Nunca a quebraria.”

Fez-se novo silêncio por um instante, e o juiz continuou: — “Um dos melhores homens que já conheci se chamava J. Reuben Clark Jr. Ele foi meu colega de classe, na faculdade de Direito. Era um grande homem e eu sempre me impressionei com ele, quando estudávamos juntos. Acho que é um dos oficiais que presidem sobre sua igreja e, em virtude do grande respeito e admiração que ele me inspira, e do que conheço a respeito da grande influência da Igreja Mórmon — e da influência evidente que exerceu sobre este homem e em virtude ainda de sua promessa, suspenderei a sentença.” E com isso, tornou a bater o martelo de juiz, dizendo: — “Sentença suspensa. Está livre, senhor. Pode ir.”

Com isso, Robert levantou-se. O meirinho entregou-lhe a cesta com seus pertences pessoais. Sua mulher e eu fomos ao seu encontro, enquanto ele se dirigia para o portão, e nós três abraçados, saímos do tribunal com lágrimas descendo pelas faces.

Esse foi, sem dúvida, um dos mais belos exemplos que eu já experimentei, sobre a verdade de que, se um homem caminhar tão longe quanto puder, fizer tudo quanto estiver ao seu alcance, cumprir suas responsabilidades tanto quanto for capaz, orar sempre ao longo do caminho, e depositar sua fé no Senhor, na hora e no momento da necessidade, nosso Pai Celestial se apresentará e ajudará a lutar suas batalhas. O grande nome, a influência pessoal e a excelente reputação do Presidente J. Reuben Clark Jr., tudo isso aliado à fidelidade de um membro que cumpriu tudo quanto prometera cumprir nas águas do batismo, e um bispo que, embora completamente inadequado, tinha feito tudo quanto podia — tudo isso junto para mudar o curso da história na vida de um homem.

Essa história é verdadeira. Espero que possa ser de algum valor para alguém. Presto meu testemunho de que o Evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro e que nosso Pai Celestial está bem perto. Tenho essa certeza e sou abençoado todos os dias de minha vida com ela, devido à grande generosidade do Senhor para comigo. Este relato e este testemunho eu ofereço para o bem de quem eles possam beneficiar.



# Aquele Processo Chamado Conversão

**Elder Hartman Rector Jr.,**  
do Primeiro Conselho dos Setenta

**O** testemunho dos Santos é a força da Igreja, ou, melhor dizendo, os convertidos são a força da Igreja. O Presidente Spencer W. Kimball parece que quis dizer a mesma coisa, quando afirmou que os conversos são a seiva que dá vida à Igreja e, “se não houvesse conversos, a Igreja acabaria por definhar e morrer no pé.” (Ensign, outubro de 1974, p. 4.)

Isso indica, com certeza, a necessidade de conversão. O trabalho missionário foi a primeira responsabilidade dada à Igreja pelo Senhor, nesta dispensação, tendo sido também o último mandamento do Mestre no meridiano dos tempos. Ao partir, ele disse: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura.” (Marcos 16:15.)

Não há ninguém na Igreja hoje, que não se tenha tornado membro através do trabalho missionário, direta ou indiretamente. Só um homem (o profeta Joseph Smith) recebeu a mensagem nesta dispensação, sem a ajuda de um missionário, e eu duvido de que Morôni ficasse satisfeito com essa afirmação. Acho que Morôni se considerava um excelente missionário e, de fato, o era. Mas cada um, de alguma forma, tem recebido a mensagem da restauração através dos missionários, seja direta ou indiretamente. Espera-se que os missionários procurem aqueles que ouvirão a mensagem e ensinem o Evangelho, com clareza e simplicidade, conforme está nas obras-padrão da Igreja. Eles também “testificarão da veracidade do trabalho, e das doutrinas reveladas outra vez em nossos dias.” (Joseph Fielding Smith, ENSIGN, julho de 1972, p. 28).

O ensino pelo espírito é o veículo da conversão. Antes que um testemunho possa brotar no íntimo, e a conversão tenha lugar na alma do indivíduo, ele tem que conhecer a verdade de seu relacionamento com Deus. Precisa não só crer na verdade, mas tam-

bém agir em harmonia com ela. A fé é o resultado da crença mais ação, e sem ela, é impossível agradecer a Deus, “que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é o galardoador dos que o buscam.” (Hebreus 11:6).

Isso requer alguém para pregar o Evangelho, porque “a fé é pelo ouvir” a palavra de Deus. (Romanos 10:17). Antes que alguém possa crer, necessita receber informações, para que tenha condição de crer ou duvidar dessas informações. Se elas forem verdadeiras, e a pessoa espera que o sejam, crê que o são, e então age em obediência a elas, estará exercendo a fé, e saberá que são realmente verdadeiras, tornando-se, assim, convertida. Por outro lado, se ela duvida das informações, ainda que sejam verdadeiras, nunca encontrará a verdade, jamais receberá um testemunho e de modo algum será convertida — pelo menos enquanto duvidar.

Fé não é um conhecimento perfeito, pois, certamente, se alguém tivesse um conhecimento perfeito das coisas, não necessitaria de fé. Se você sabe uma coisa, não necessita de crer nela. (Ver Alma 32:18).

A fé então leva a pessoa a agir como quem sabe que uma coisa é verdadeira, ainda que o não saiba. Assim, ela é força para o investigador. O conhecimento vem da ação. Conhecimento de um princípio do Evangelho é testemunho e ação, ou seja, viver de acordo com o testemunho, é evidência de conversão.

É bem verdade que é possível ter um testemunho e ser convertido a um princípio do Evangelho, e não ter um testemunho e ser convertido a todo o programa do Evangelho. Pedro, no início, tinha um testemunho de que Jesus era o Cristo, mas não de dizer a verdade, como podemos ver de seu procedimento na noite em que Jesus foi traído. Pode-se ser convertido à lei do dízimo e pagá-lo, mas recusar-se a pagar as ofertas de jejum. Alguns têm-se convertido a seguir profetas mortos, mas rejeitam os profetas vivos. Outros são convertidos a seguir os profetas vivos, entretanto não querem seguir seu bispo — que serve a chamado do profeta. Acho que pessoas assim provavelmente se recusariam a apoiar Judas como membro dos Doze, ainda que Jesus lhes pedisse que o fizessem.

O verdadeiro sinal de conversão é o desejo de orar e jejuar, por um testemunho do conselho dado pelo servo ungido do Senhor, ainda mesmo que você não concorde com ele. A verdadeira conversão reflete o quinto princípio do Evangelho, o qual é perseverança. De fato, é a vontade do Pai, conforme consta do Livro de Mórmon. Néfi exorta: “E disse o Pai: Arrependei-vos, arrependei-vos, e sede batizados, em nome do meu Filho bem amado.” (2 Néfi 31:11). Mais adiante, ele declara: “E eu ouvi a voz do Pai, dizendo: Sim, as palavras do meu Amado (Filho) são verdadeiras e fiéis. “Quem perseverar até o fim, será salvo.” (2 Néfi 31:15).

Néfi então registra uma declaração mais significativa: “E agora, meus queridos irmãos, sei por isso que, a menos que o homem persevere até o fim, seguindo o exemplo do Filho do Deus vivente, não poderá ser salvo.” (2 Néfi 31:16). A caracterís-

tica marcante do exemplo de Jesus era a obediência. “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.” (João 7:16). “O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai.” (João 5:19). E ainda, o Filho não veio para fazer a sua própria vontade, mas a “daquele que me enviou.” (João 4:34).

Néfi continua:

“Portanto, fazei as coisas que eu vos disse ter visto serem feitas por vosso Senhor e Redentor; porque, por essa razão, me foram mostradas, para que possais conhecer o portão pelo qual deveis entrar. Porque o portão pelo qual deveis entrar é o arrependimento e o batismo, pela água; e virá então a remissão de vossos pecados pelo fogo e pelo Espírito Santo.

E aí estareis no caminho reto e estreito que conduz à vida eterna; sim, haveis entrado pelo portão e seguido os mandamentos do Pai e do Filho; haveis recebido o Espírito Santo, que dá testemunho do Pai e do Filho, para o cumprimento da promessa que vos fez, de que, se entrásseis pelo caminho, o receberíeis.

E agora, meus queridos irmãos, depois de haverdes entrado neste caminho reto e apertado, eu vos pergunto: Estará tudo feito? Eis que vos digo: Não, porque não haveríeis chegado até esse ponto, se não fosse pela palavra de Cristo, com fé inabalável nele, e confiando plenamente nos méritos daquele que tem o poder de salvar.

Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza, em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteados-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que diz o Pai: Tereis vida eterna.

E agora, meus queridos irmãos, este é o caminho e não há nenhum outro caminho ou nome, dado debaixo do céu, pelo qual o homem possa ser salvo no reino de Deus. E agora, eis que esta é a doutrina de Cristo, a única e verdadeira doutrina do Pai e do Filho e do Espírito Santo (2 Néfi 31:17-21).

Com base na declaração de Néfi, é óbvio que a conversão é um processo contínuo. Certamente, todos os que estão a caminho da conversão, necessitam da ajuda daqueles que já trilharam esse caminho antes, o que significa que os membros novos que adentraram o portão, certamente precisam da ajuda daqueles que os precederam e têm maior experiência no viver em obediência aos mandamentos.

Esse fato nos traz à outra grande evidência da conversão: não é possível a alguém ser convertido a Cristo e a seu exemplo, e odiar seu irmão, sua família, seu vizinho, ou o estranho que está próximo ou distante. Aquele que se mostra realmente convertido, ama até seus inimigos.

Em outras palavras, à vista do Senhor, nada significa amarmos aqueles que nos amam, a menos que possamos também amar aqueles que, não só não nos amam, mas que não gostam de nós. É esse o tipo de conduta que realmente caracteriza a conversão e que não pode ser demonstrada pela passividade ou

só por palavras. Não podemos ficar à margem, apenas observando os esforços alheios, às voltas com suas aflições físicas, mentais ou espirituais, sem deles participar, sem nada fazer para ajudá-los, mas apenas aborrecendo-os com nossos insistentes conselhos ou palpites.

Tiago torna isso bem claro:

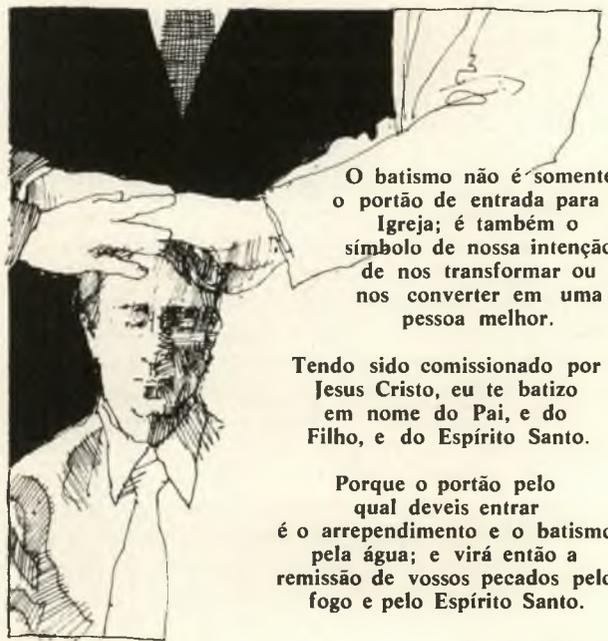
“E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano.

E algum de vós lhe disser: “Ide em paz, aquectai-vos e fartai-vos; e lhe não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? (Tiago, 2:15-16).

É tão grande a alegria nascida no coração daquele que foi trazido das trevas da incerteza e descrença — por não saber quem é, ou de onde veio, ou por que está aqui, ou para onde vai — à maravilhosa luz de Cristo, que ele se sente impelido a partilhar aquilo que encontrou entre outros. Sente necessidade de falar a todo mundo, da espantosa mudança que Jesus e seu amor trouxeram a sua vida. Alma explicou bem isso, perguntando: “Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?” Tudo isso faz de nós uma nova criatura em Cristo. (Alma 5:14).

Cresce assim um novo e inteiramente pessoal relacionamento entre o converso e Jesus Cristo. Você passa a considerá-lo seu amigo e a ter uma grande apreciação pelo que ele fez por você. Torna-se conhecedor também de que, não só suas ações, mas até mesmo os seus mais íntimos pensamentos estão abertos para ele. Nada lhe é oculto. Portanto, a honradez, a lealdade e confiança se tornam a característica constante de tudo o que você faz, seja público ou particular. O verdadeiro converso torna-se a suprema criação de Deus — um homem honesto.

Contrariamente, aqueles que professam ser seguidores de Cristo ou membros de sua Igreja, mas não amam a misericórdia nem se comportam de maneira justa para com Deus, os homens e as criaturas; que



O batismo não é somente o portão de entrada para a Igreja; é também o símbolo de nossa intenção de nos transformar ou nos converter em uma pessoa melhor.

Tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Porque o portão pelo qual deveis entrar é o arrependimento e o batismo pela água; e virá então a remissão de vossos pecados pelo fogo e pelo Espírito Santo.

não andam em santidade diante de Deus, nem com prudência e respeito perante seus semelhantes — ainda precisam ser convertidos. (Ver Miquéias 6:8). Não importa se você nasceu na Igreja ou se se filiou a ela há seis meses; se você se enquadra nessa descrição, saiba que ainda não está convertido, é apenas um converso em perspectiva.

Nas palavras de Alma:

“E agora, meus irmãos, se haveis experimentado uma mudança em vossos corações, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eis que quisera perguntar-vos: Podeis agora sentir isso?”

Tendes andado conservando-vos inocentes diante de Deus? Poderíeis dizer dentro de vós mesmos, se fôsseis chamados pela morte neste momento, que vos haveis humilhado suficientemente? Que vossas vestimentas foram limpas e embranquecidas pelo sangue de Cristo, o qual virá para redimir seu povo de seu pecado?

Eis que estais despidos de orgulho?...

Eis que há alguém entre vós não despido de inveja?...

Há alguém entre vós que zombe de seu irmão, ou que acumule perseguições sobre ele?

Ai dele, pois que não está preparado; e chegou o tempo em que deve arrepender-se, do contrário não será salvo”. (Alma 5:26-31).

A conversão põe fim a uma tal conduta, e esse é o fundamento da sociedade de Deus. Ela não só revela a consciência e a aceitação desses princípios crescentes, mas também abrange o princípio da perseverança. A fé que leva ao arrependimento e à exata perseverança em retidão é o poder salvador do Evangelho. A conversão implica em mudança — uma mudança do homem natural que é egoísta, impaciente, intemperante, desobediente e rebelde, em um “santo... como criança (que é), submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor, e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir assim como uma criança se submete a seu pai”. (Mosiah 3:19).

Mas você poderia perguntar: “Como posso eu iniciar esta mudança, se perceber que não estou convertido ainda? Por onde devo começar?” Bem, você pode começar pela atitude.

O apóstolo Paulo demonstrou precisamente a atitude correta do verdadeiro convertido, e o processo da conversão é, em grande parte, uma questão de atitude. É um fato que qualquer homem pode transformar sua vida mudando sua atitude, em qualquer ocasião que o queira, o que está de acordo com a afirmativa de que “Como (o homem) imaginou na sua alma, assim é”. (Provérbios 23:7). Quando Paulo, no caminho de Damasco, viu a luz e ouviu a voz do Senhor, sua pergunta foi: “Senhor, que queres que faça? (Atos 9:6). Enquanto não chegarmos ao ponto de precisar conhecer somente a vontade do Senhor, a fim de começar a cumpri-la, não estaremos realmente convertidos.

Tendo considerado de alguma forma o significado da conversão, talvez devamos pensar em como ocorre ela na alma humana. Falando com várias pessoas que

já passaram pela conversão em sua vida, pessoas que têm saído do mundo para entrar no reino de Deus — quatro experiências básicas parecem destacar-se: Uma delas, ou uma combinação das quatro, corre como um fio através do tecido do testemunho de um converso:

**Continuar a ser ativo, aceitar cargos na Igreja, realizar-se e crescer dentro dela, são parte do que eu chamo de o quinto princípio do Evangelho — perseverar até o fim.**

“São muitos os conversos que ficam tremendamente impressionados com os jovens, rapazes ou moças, que os procuram em nome do Senhor. Espantam-se com sua sabedoria e a autoridade com que eles falam. Não é incomum ouvir novos conversos dizerem “... Sua aparência nada tinha de extraordinário, sua dicção e gramática deixavam bem a desejar... mas eu soube que eles estavam dizendo a verdade.”

Os conversos se impressionam profundamente com:

1. **O Livro de Mórmon.** Muitos o consideram como a chave de sua conversão, dizendo várias vezes: Li o Livro de Mórmon e sei que ele é verdadeiro. Quando você chega a saber que o Livro de Mórmon é verdadeiro, também está convencido de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno que se manifesta a todas as nações, de que as santas escrituras (a Bíblia) são verdadeiras e de que Deus inspira, nesta época e geração, tanto quanto em gerações de tempos antigos” (D&C 20:11).

2. **Oração.** Muitos conversos confessam que nunca tinham orado antes de lhes ser apresentado o Evangelho restaurado, mesmo tendo sido membros de outra igreja, durante toda a sua vida. Quando, finalmente, caem de joelhos perante o Senhor, em humilde e sincera oração, eles sabem que o Evangelho é verdadeiro, e então se tornam capazes de pedir ao Senhor a força para transformar suas vidas.

3. **Os missionários.** São muitos os conversos que ficam tremendamente impressionados com os jovens, rapazes ou moças, que os procuram em nome do Senhor. Espantam-se com sua sabedoria e autoridade com que falam. Não é incomum ouvir novos conversos dizerem dos missionários: “Sua aparência nada tinha de extraordinário, sua dicção e gramática deixavam bem a desejar, eles não eram dotados de grandes conhecimentos do mundo, mas havia neles apenas alguma coisa que me convenceu de que o que eles estavam dizendo era a verdade. De fato, eu soube que eles estavam dizendo a verdade. (No **More Strangers**, Bookcraft, 1971, 1:VIII).

#### 4. **Os membros da Igreja**

Um contato ou convívio com os Santos dos Últimos Dias, em que se possa sentir seu amor e interesse, é, muitas vezes, uma experiência inédita e inspiradora. Os membros que conseguiram vencer uma série de dificuldades com as quais estamos às voltas, transmitem-nos força.

Talvez possamos aproveitar um relato verídico de uma conversão, para verificar como funcionam em nós esses princípios a fim de produzir esse milagre da conversão. Há alguns anos, numa época em que eu era praticamente um novo converso à Igreja, morava

em Arlington, Virgínia, rodeado de famílias de não membros. Dentro de uma semana, mudaram-se para a minha vizinhança duas novas famílias. Uma delas veio morar bem atrás de casa, e a outra em frente, do outro lado da rua. Nessa época, eu trabalhava para o governo, no Departamento de Agricultura, e minhas funções exigiam que vivesse viajando, tanto que passava metade de meu tempo fora de casa.

Voltava eu de uma dessas viagens, numa sexta-feira à noite, quando percebi que tinha um novo vizinho nos fundos de meu quintal, e que ele tinha aberto um buraco na grade, instalando ali um portão. Achei isso muito atencioso da parte dele, que nada me cobrara pelo serviço. De fato eu nunca o tinha encontrado, assim, procurei-o para conhecê-lo e lhe dizer quanto apreciara o portão na cerca. Achava que, se a gente considerar cada pessoa que encontra como um membro da Igreja em potencial, essa atitude vai modelar nossa resposta a certos estímulos que recebemos de vez em quando.

Não temos o direito de ofender a ninguém. Cada vez que você ofende, sai perdendo. O Senhor usa a expressão “com mansidão e brandura” (D&C 38:41), para expressar o meio de falar com as pessoas sobre a Igreja.

O nome de meu vizinho era McKoy. Era da Carolina do Norte, e estou bem certo de que possuía muitas e grandes qualidades que fariam dele um excelente Santo dos Últimos Dias. Para enumerar algumas, ele era vendedor e um bom vendedor. Realmente, sabia como fechar um negócio. Tenho percebido, por experiência própria, que um bom vendedor nunca oferece resistência, ou se a oferece, é quase nula a quem quer que seja. Se você tem um bom produto para vender ou promover, um bom vendedor é o primeiro comprador em perspectiva.

Assim, esse novo vizinho era fácil de abordar, um indivíduo gregário. Isso é sempre um bom sinal; sinceridade e franqueza significam honestidade básica, necessária a quem vai receber no coração um testemunho. Além disso, ele era o chefe de sua família; indiscutível e obviamente, presidia sobre sua família. Lembro-me de haver observado para minha mulher, após aquela primeira visita que fiz ao meu novo vizinho, que ele era um bom homem e que se filiaria à Igreja.

Acabei por me tornar completamente envolvido com a família McKoy. Cada vez que eu o via fazendo alguma coisa contrária aos princípios do Evangelho, eu lhe falava sobre isso. Por exemplo, uma manhã de domingo, eu saía para a reunião do Sacerdócio, e vi meu vizinho plantando morangos em seu quintal. Inclinei-me sobre a cerca do quintal e lhe disse: — Todos esses pés de morango morrerão, Mac. Surpreso, ele quis saber por quê. — Porque você os está plantando no “Sábado”, e não pode esperar que eles vivam, sendo plantados no “Sábado”. Mac riu francamente, diante de uma idéia tão ridícula, mas todos eles morreram, cada um deles!

Algum tempo depois, tive ocasião de perguntar a Mac sobre seus morangos, e ele respondeu: — Não posso entender; morreram todos.



E eu então: — Lembra-se do que lhe disse? Que todos eles morreriam? Você não podia esperar que aquelas mudas vivessem, sendo plantadas no “Sábado”.

Mac pensou naquilo por um instante e disse: — você trabalha para o Departamento de Agricultura, não?

Acabou por achar que seus pés de morango tinham sido amaldiçoados — ele já tinha sido bem sucedido, anteriormente, plantando no “Sábado”; por que desta vez falhara? Ao pensar nisso, senti-me inclinado a dizer-lhe que seus pés de morango não viveriam. Estou convencido de que o Senhor tomou conta daquelas plantas. Descobri que o Senhor gosta de ficar por trás de seus servos, e faz isso em cada oportunidade.

Algum tempo depois, Mac me contou que havia expulsado de sua casa dois anciãos de sua igreja. Perguntei-lhe por que e ele disse: — Vieram para recolher meu compromisso de contribuição. Quis saber que compromisso era aquele, e ele contou que costumava prometer certa quantia para sua igreja, todo ano. Este ano ele não sentiu que poderia contribuir com a quantia prometida, e por isso os anciãos de sua igreja tinham vindo animá-lo. Mac ficara ofendido e lhes pedira que deixassem sua casa.

Talvez o momento não fosse muito oportuno para falar com McKoy sobre o dízimo, mas, por alguma razão, eu me senti impelido a continuar o assunto. Disse então: “— Mac, sabe que dez por cento do que você ganha não lhe pertencem?” Mac não entendeu, e assim, eu continuei: “— Dez por cento de seus ganhos pertencem ao Senhor.”

Mac disse: “— Fale-me sobre o dízimo, por favor”. Eu não sabia então, mas Mac me contou muito mais tarde, que tinha estado orando ao Senhor para entender o dízimo, imaginando como lhe seria possível pagar o dízimo, quando ele já gastava dez por cento mais do que ganhava?

Aproveitei a ocasião para dizer a Mac tudo quanto sabia sobre o dízimo. Entre outras coisas, eu lhe contei a história do Presidente Heber J. Grant, sobre a professora da Escola Dominical que tomou dez grandes maçãs vermelhas, em sua pequena classe da Escola Dominical Júnior, e perguntou a muitos de seus alunos se eles lhe devolveriam uma daquelas maçãs, se viessem a ganhar as dez. Cada membro da classe respondeu afirmativamente, com entusiasmo. A professora então comparou essa analogia com o pagamento do dízimo, em que o Senhor dá a cada um de nós tudo o que temos, mas só nos pede um décimo

de volta para ele. O Presidente Grant acrescentou: — O que quase todos nós fazemos é cortar a décima maçã pela metade, roubar a metade do Senhor e pedir-lhe que morda a outra. Acabei por dizer a Mac: — Parece-me que você se enquadra nesse exemplo. Está oferecendo ao Senhor uma pequena mordida.

Mac pensou sobre isso e finalmente disse: — Sim, posso entender bem. Creio que é verdade o que você diz.

Bem, quando Mac falou que acreditava no pagamento do dízimo, percebi que estava pronto para ouvir a mensagem da restauração e disse: “— Mac, estou esperando em casa dois jovens da Igreja, esta quinta-feira à noite. Ambos vieram de Salt Lake City, Utah, para falar com você sobre a Igreja. Até aqui temos apenas passado por alto o assunto do Evangelho, em nossa conversação, durante esses seis meses passados, mas eles lhe contarão a história toda. Por que você não traz Betty e seus quatro filhos à nossa casa? Além disso, ao terminar as lições, teremos uns comes-e-bebes”. Eu sabia que ele não resistiria a doces.

Bem, Mac veio. Ignoro se veio ou não pelos doces, mas veio, e trouxe sua família também. Os missionários se empenharam muito para apresentar aquela primeira lição de proselitismo. Certamente o Senhor fala através de homens de 19 anos de idade, e fala com muita eloquência. Mac e sua família ficaram tremendamente impressionados com esses missionários. Minha mulher também convidou o novo vizinho que se mudara para a casa em frente, e assim tivemos ambas as famílias juntas em nossa “sala”, para as palestras missionárias de proselitismo.

As reuniões foram-se sucedendo, cada quinta à noite, durante seis semanas. Após a terceira reunião, ambas as famílias investigadoras aceitaram batismo. Tive o privilégio de batizar Mac, sua esposa Betty, e suas duas filhas. Segundo me lembro, confirmamos Mac como membro da Igreja e depois o ordenamos mestre. Recordo-me de haver dito a Mac que, se ele realmente se empenhasse, seria capaz de batizar seu filho Bob, que teria idade para o batismo dentro de nove meses. Isso o estimulou. Ele queria ser o líder espiritual de sua família. Na verdade, nunca encontrei, nem soube de um homem que não quisesse ser o líder de sua família. É um direito dado por Deus.

Assim, Mac se preparou e de fato, nove meses depois, batizava seu filho. Pouco tempo depois de haver batizado Bob foi ordenado élder e chamado para uma missão de estaca. Em seu primeiro ano nesse trabalho, ele batizou 28 pessoas. Tinha amigos por toda a cidade. Convidaria seus amigos para acompanhá-lo a um serviço batismal. Ele queria que sentissem o espírito especial de tal ocasião. Eu o ouvi apresentar seus amigos como “investigadores”. Eles nem sabiam o que era um investigador, mas o fato é que receberam atenção especial de todos os que participaram do serviço batismal. Aqueles que comparecem à Igreja pela primeira vez, precisam, de fato, sentir amor e interesse especiais, da parte dos membros.

Mac tem continuado a trazer seus amigos e conhecidos à Igreja. Desde que ele e sua família foram

batizados, já fez 15 anos, ele, pessoalmente, já batizou 112 pessoas na Igreja. Sua verdadeira profissão é de corretor, e quando apanha uma boa família, em sua busca de compradores para um casa, empenha-se em colocá-la em sua ala. Ele é rigorosamente honesto com seus clientes, no que diz respeito à casa que pretendem comprar, o que é sempre apreciado por eles. Quando chega a ocasião da mudança, Mac consegue assistência dos quoruns do Sacerdócio da ala, através do bispo. Assim, alimentos são levados aos lares pelos vizinhos Santos dos Últimos Dias. É conseguida ajuda na localização de escolas, locais de compras, horários de ônibus, ligação de luz e água, e distribuição de jornais. Tudo isso é dispensado através dos membros do quorum local de setentas, por solicitação de Mac. Quando chega a vez de uma família nova começar a freqüentar a Igreja, é uma coisa perfeitamente normal para Mac, levá-la onde possam também encontrar seus novos amigos da vizinhança. Em pouco tempo, uma nova família já experimentou o milagre da conversão e é batizada.

O mais interessante é ver as transformações reais que tiveram lugar na família McKoy em geral, e em Mac particularmente. Primeiro a família McKoy é agora uma unidade familiar eterna, tendo sido selada para o tempo e a eternidade na casa do Senhor, pela mesma autoridade que Jesus deu a Pedro. Eles não só estão ligados na terra, mas também nos céus. Mac ainda preside sobre sua família, mas agora com persuasão, brandura, amabilidade e amor verdadeiro.

Segundo, aquelas duas filhas se casaram no templo, com ex-missionários. Terceiro, o filho mais velho, Bob, está servindo no campo missionário, como embaixador do Senhor Jesus Cristo, um missionário de tempo integral. Quarto, o outro filho, Steve, está de partida para a missão. Quinto, chegou à sua casa mais uma filha, Tina, um prêmio para Mac, como membro da Igreja, porque ele aprendeu o propósito e o desígnio de sua criação. Sexto, Mac é sumo sacerdote e é servidor do templo, no Templo de Washington. Sétimo, Mac vem ensinando, todas as manhãs, no Seminário, nesses oito anos, onde tem atingido a vida de centenas de membros jovens da Igreja, na área do norte da Virgínia. Oitavo, tenho ouvido Mac prestar seu testemunho na reunião de testemunhos, de que ele hoje dá para a Igreja, em um mês, mais do que havia prometido dar por ano à sua antiga igreja, e que uma vez havia pedido aos anciãos dessa outra igreja, que saíssem de sua casa, quando eles vieram para recolher sua promessa.

É espantoso o que um homem pode fazer, se souber o que o Senhor quer que ele faça. Não importa quem seja. Se você puder manifestar a quase todos os homens o que o Senhor quer que eles façam e eles souberem disso, o farão logo. Creio que isso é verdade, principalmente porque todos os homens são filhos do mesmo Pai Celestial e todos nós reagimos da mesma forma, ao mesmo estímulo. Mac não é o mesmo homem que era antes. Ele converteu-se, o que é a qualificação fundamental para a cidadania no reino de Deus, e aliada à perseverança, é a garantia da vida eterna. Que assim venha a acontecer com todos nós.

# O Crescimento no México Explode em 16 Estacas

Por Jorge Rojas

Presidente da Estaca de Camarones da Cidade do México, México

**N**oventa e quatro anos atrás, o Élder Moses Thatcher, do Conselho dos Doze, dedicou o México para a pregação do Evangelho. Desde aí, muitos acontecimentos importantes sucederam entre os santos do México. Por exemplo, em 1972, o Presidente Harold B. Lee presidiu uma conferência de área, e em 1974, o Presidente Spencer W. Kimball dirigiu-se a uma conferência missionária de 16.000 pessoas, isto para citar apenas os mais recentes.

Mas, nos dias 8 e 9 de novembro de 1975, ocorreu um acontecimento extraordinário que será lembrado durante muito tempo pelos corações dos santos da Cidade do México. Cinco estacas da Cidade do México transformaram-se em quinze estacas, tudo em um fim de semana. Antes da formação destas quinze estacas, nunca houvera tal organização em massa de estacas na Igreja. Naquela ocasião, foram criadas treze novas estacas, sendo duas reorganizadas. E, na quinta-feira seguinte, dia 13 de novembro, foi organizada a décima sexta estaca, a Estaca de Posa Reca, México, saída da Missão México-Vera Cruz.

A organização de estacas no México iniciou-se em 1895, quando a Estaca Juarez foi criada entre um grupo de pioneiros mórmons americanos que se haviam estabelecido nove anos antes na parte noroeste do Estado de Chihuahua, México. Levou sessenta e seis anos até que fosse organizada a segunda estaca

mexicana. Dessa vez, na Cidade do México, entre os lamanitas em 1961. Desde aí, vinte e quatro estacas foram criadas em quatorze anos, perfazendo um total de vinte e seis estacas (e sete missões) no país, atualmente.

As cinco estacas da Cidade do México estavam desenvolvendo entre elas uma forte liderança de seus membros durante os últimos quatorze anos. O campo havia sido preparado, a semente plantada, e a Igreja naquele país estava pronta para a nova organização. A revelação dos acontecimentos começou realmente com a chegada de Élder J. Thomas Fyans, que era há apenas dois meses uma Autoridade Geral designado para viver no México. Desde que pisou em solo mexicano, ele demonstrou um amor e sensibilidade especiais pelos santos no México. Discerniu a necessidade de se diminuir o tamanho das estacas, de melhor formá-las, de reduzir a quantidade de viagens dos membros e também prover melhores condições para o rápido crescimento que estava sucedendo no México. Os membros de estacas menores podem ser melhor treinados, a liderança pode ser mais eficiente e os 1000 membros por mês que se espera batizar podem ser melhor integrados.

O projeto foi proposto pelo Élder Fyans aos cinco presidentes de estaca. Eles o aceitaram prontamente. Foi proposto à Primeira Presidência e aprovado.

Tudo estava pronto por ocasião da chegada de Élder Howard W. Hunter, na noite do dia 6. Mais de duzentos portadores do Sacerdócio haviam sido convidados para entrevistas desde as 9 até às 21 horas, na sexta-feira, dia 7. Aquele dia foi realmente uma experiência compensadora. Élder Hunter havia encontrado os quinze homens que o Senhor desejara para presidir as estacas.

Nos dois dias seguintes, os santos se reuniram em um dos seis locais para participar de uma experiência extremamente espiritual, a de ouvir de um apóstolo do Senhor o anúncio do nome de seu presi-

dente de estaca. Durante as trinta e três longas horas, desde as 10 horas de sábado, dia 8, até 19 horas de domingo, dia 9, Élder Howard W. Hunter, ajudado por Élder J. Thomas Fyans e quatro Representantes Regionais dos Doze, despenderam dezoito horas presidindo seis conferências de estaca; e despenderam nove horas viajando de um centro de estaca para outro. Sobraram seis horas para descanso e refeições.

Adicionalmente, Élder Hunter e Élder Fyans e seus irmãos assistentes designaram quarenta e cinco membros de presidências de estaca, ordenaram e designaram 288 membros de bispados para as noventa e seis alas, e trinta e seis membros das doze presidências de ramo, assim como os membros dos sumos-conselhos em cada estaca.

## Anunciado Novo Templo para Area de Seattle

**U**m novo templo, o terceiro a ser anunciado no período de um ano, será construído em Seattle, anunciou a Primeira Presidência em Seattle, Washington, E.U.A., em 15 de novembro de 1975.

O anúncio foi após uma reunião no Centro da Estaca de Seattle Norte, com os presidentes de estaca e outros oficiais representando aproximadamente 17.000 membros da Igreja que vivem nos estados de Washington, Oregon, Alaska, norte de Idaho e Colúmbia Britânica.

O Presidente Kimball disse que o local do templo seria anunciado mais tarde.

Não se espera iniciar a construção até a última parte de 1976, sendo o término esperado para o prazo de aproximadamente dois anos.

Será solicitado aos membros que moram no distrito do templo que contribuam com uma parte do custo da construção.

O Templo de Seattle será o 19.º em uso em todo o mundo, citou o Presidente Kimball.

Os outros dois templos anunciados recentemente foram o Templo de São Paulo, anunciado em 1.º de março de 1975, e o Templo de Tóquio, anunciado em 9 de agosto de 1975.

Dois outros templos, sendo um deles o primeiro a ser completado em Utah, nos dias dos pioneiros, foram rededicados neste último ano, depois de uma reforma extensa. O Templo de Arizona, em Mesa, foi rededicado em 15 de abril de 1975, e o Templo de St. George, em 11 de novembro de 1975.

Existem agora mais do que trinta e seis estacas no distrito do Templo de Seattle e espera-se que o aumento continue a se evidenciar.

# Ide a Todo o Mundo

**Q**uando o Salvador ressuscitado apareceu aos seus onze discípulos na montanha da Galiléia, disse-lhes:

“Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mateus 28:19.)

Este encargo dado aos seus discípulos é o objetivo do Departamento Missionário de sua Igreja hoje em dia.

Um relatório recente feito pelo Comitê Executivo Missionário demonstrou com que rapidez está crescendo o trabalho missionário no mundo, em resposta ao desafio do Presidente Kimball.

Em seus discursos das conferências e outros, tanto no continente americano como além-mar, o Presidente Kimball tem dado ênfase à necessidade cada vez maior de missionários. Ele tem conclamado os membros da Igreja a que “ampliem seus esforços”, acentuando que “devemos estar melhor preparados” para ensinar o Evangelho.

Em 1974, pouco depois de Presidente Kimball haver-se tornado o profeta e presidente da Igreja, havia 111 missões em todo o mundo. O número cresceu em 19,8 por cento, para 133 missões, até o término de 1975.

Estão projetadas para o ano vindouro um total de pelo menos 163 missões, ou seja, um aumento de 22,6 por cento sobre 1975.

Se crescem as missões, é claro que se torna necessário atender à solicitação de “mais missionários” feita pelo Presidente Kimball.

Havia, em setembro de 1973, 15.903 missionários de tempo integral trabalhando em todo o mundo.

Cerca de setembro do ano seguinte, o número havia aumentado para 17.557, um crescimento de 10,4 por cento, e, em setembro de 1975, a relação de missionário tinha os nomes de 21.163 pregando o Evangelho. É claro que este número não inclui os milhares de missionários de estaca que se encontram trabalhando em suas próprias áreas. No dia 3 de novembro de 1975, havia 21.860 missionário no campo.

No período compreendido entre setembro de 1974 e setembro de 1975 houve 13.004 missionários chamados. Eles substituíram os que estavam voltando para casa e somaram-se ao número crescente no campo.

Os frutos de todos os labores — levar os filhos do Senhor às águas do batismo — também estão aumentando com um adicional de

26,6 por cento de batismos no ano passado.

De acordo com o Relatório de Progresso Missionário, houve 74.970 batismos no ano que foi de setembro de 1973 a setembro de 1974, comparados com o número de 94.886 no período entre setembro dos anos de 1974-75.

## NÚMERO DE MISSÕES

Ensinai todas as nações...

111 missões em 1974

133 missões em 1975

163 missões projetadas para 1976

## NÚMERO DE MISSIONÁRIOS

A convocação de Presidente Kimball:

“Precisamos de mais missionários...”

15.903 em setembro de 1973

17.557 em setembro de 1974

21.163 em setembro de 1975

## NÚMERO DE BATISMOS

Batizando-as...

74.970 de setembro de 1973 a setembro de 1974

94.886 de setembro de 1974 a setembro de 1975

Percentagem de aumento nas missões

de setembro de 1974 a setembro de 1975

19,8%

Percentagem do Crescimento Missionário

De setembro de 1974 a setembro de 1975

20,5%

Aumento da Percentagem de Batismos

De setembro de 1974 a setembro de 1975

26,6%

Batismos por Missionários de Tempo Integral

De setembro de 1974 a setembro de 1975

4,9%

# Élderes Brown e Christiansen Sucumbem a 2 de dezembro

**D**uas Autoridades Gerais da Igreja faleceram no dia 2 de dezembro, no Hospital SUD da Cidade do Lago Salgado, Utah, E. U. A.

Eram eles: **Élder Hugh B. Brown**, do Conselho dos Doze e **Élder ElRay L. Christiansen**, um Assistente dos Doze.

Esta é a primeira vez desde o martírio de Joseph e Hyrum Smith, que a morte chegou a duas Autoridades Gerais no mesmo dia.

Élder Christiansen faleceu às 7h45m do que os médicos indicaram como parada cardíaca e complicações. Dera entrada no hospital às 5 horas com dores no peito. Estava com 78 anos de idade.



**Élder ElRay L. Christiansen**  
Assistente dos Doze



**Élder Hugh B. Brown**  
do Conselho dos Doze

Élder Brown, que serviu como Assistente dos Doze, membro da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze, foi elogiado por seus companheiros nos serviços funerários realizados no dia 5 de dezembro, no Tabernáculo do Lago Salgado.

Presidindo e dirigindo a reunião, estava o Presidente Spencer W. Kimball, que foi o último orador. Também fizeram uso da palavra o Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro da Primeira Presidência, e Élder Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze.

A homenagem da família foi prestada por Édwin Brown Sirmage, neto de Élder Brown.

Os serviços funerários para o Élder Christiansen foram realizados ao meio-dia do dia 4 de dezembro, no Assembly Hall, na Praça do Templo.

O Presidente Spencer W. Kimball, que presidiu a reunião, ofereceu algumas palavras de encerramento. Seu primeiro conselheiro, Presidente N. Eldon Tanner, dirigiu os serviços.

Os oradores foram o Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Conselho dos Doze, e Élder Thomas S. Monson e Élder L. Tom Perry, ambos do Conselho dos Doze.

# Perfil de um Líder

## PRESIDENTE OSIRIS GROBEL CABRAL

Novo Representante Regional dos Doze

Por José B. Puerta



**D**esde 1.º de janeiro de 1976, tornou-se efetiva a designação do Presidente Cabral, como novo Representante Regional para os Doze, servindo na área compreendida pelas Estacas do Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. Uma vez mais a Primeira Presidência da Igreja deposita confiança na liderança local e de modo especial, nos jovens. Aos 33 anos de idade, explodindo em juventude e entusiasmo, recebe da Primeira Presidência esta grande responsabilidade, fruto de sua dedicação, esforço e experiência adquirida através de uma missão de tempo integral, diversas oportunidades em funções da Igreja, e, ultimamente, por sua bem sucedida experiência como Presidente da Estaca São Paulo Leste Brasil. Nascido aos 20 de outubro de 1942, na cidade de Santos, Estado de São Paulo, veio para a Capital aos cinco anos de idade e somente aos dezessete manteve o seu primeiro contato

com a Igreja. Metade de sua vida ele a tem dedicado à Igreja e, emocionado, relata como ocorreu o seu chamado como Representante Regional dos Doze. "Recebi um telefonema do Élder Faust, em meu escritório, no Centro Editorial Brasileiro, dizendo-me que eu não saísse de perto do telefone porque a Primeira Presidência iria me telefonar, e eu não sei quanto tempo demorou o telefonema. Lembro-me que, numa fração de segundo, passou pela minha mente uma série de coisas que fiz em minha vida e que poderia ter feito melhor, e senti o peso da responsabilidade que adviria. Não sei quanto tempo isto durou, mas foram momentos de meditação, arrependimento e oração; do outro lado da linha pude distinguir a voz do Presidente Marion G. Romney, entrevistando-me e chamando-me como Representante Regional dos Doze. Procurei imediatamente entrar em contato com minha esposa para contar-lhe as novidades, mas ela havia saído para uma reunião da Sociedade de Socorro, e somente após a sua volta pudemos conversar e nos alegrar pela confiança que o Senhor havia depositado em nós, sentindo a responsabilidade e profundidade deste novo chamado e do esforço que devíamos dedicar a ele."

Perguntamos, então, à irmã Elaine como recebeu o chamado de seu marido, como Representante Regional; e ela nos disse:

— "Primeiramente fiquei surpresa, quando o Presidente me informou de seu novo chamado. Senti uma grande felicidade, por-

que quanto mais trabalho temos mais bênçãos recebemos. Quando o Presidente foi chamado para esta nova posição, senti que a nossa responsabilidade aumentou diante dos membros e diante dos olhos do Senhor. Senti que temos que nos desenvolver dentro de nossa família a fim de estarmos melhor preparados, pois o Senhor nos tem abençoado muito. Estamos muito contentes com o seu chamado e sei o quanto é bom apoiar o Sacerdócio e sentir a sua ação em nosso lar. Digo às esposas dos líderes que tenham paciência e não reclamem quando os seus maridos voltam de suas reuniões um pouco mais tarde, ou quando os esperam para o almoço ou jantar e eles não chegam; quando temos a nossa noite familiar interrompida por um telefonema ou um irmão que chega em busca de auxílio. Acho que é dessa maneira que os estamos apoiando, e é desta forma que eles podem magnificar o seu Sacerdócio e estar prontos para dar as bênçãos que precisamos, como patriarcas do lar."

O Presidente Osiris Grobel Cabral é casado com a irmã Elaine Maria Bastos Fusco, tendo sido abençoados na Capela da Ala São Paulo I, no dia 5 de agosto de 1972, pelo Presidente José Benjamin Puerta, e selados no templo de Salt Lake City no dia 9 de agosto do mesmo ano. O casal tem um filho, agora com 2 anos de idade, Osiris Grobel Cabral Filho. Os progenitores do novo Representante Regional, Osiris Cabral Tavares e Jacyra Grobel Cabral, têm sido

membros fiéis da Igreja. Seu pai, foi quem primeiro recebeu as lições dos missionários, em fevereiro de 1959, quando os élderes batiam às portas na área de Vila Mariana, nas proximidades da antiga estação de bondes. O interesse do jovem pela Igreja adveio da leitura do “Livro de Mórmon” que os missionários haviam deixado para que seu pai lesse. Na próxima visita dos missionários, demonstrando curiosidade, solicitou mais literatura sobre a Igreja, recebendo então o folheto “O Testemunho de Joseph Smith”. O interesse da irmã Jacyra foi despertado por alguém que havia comentado sobre a poligamia na Igreja, e disto se aproveitaram os missionários para esclarecê-la e ensinar-lhe o Evangelho. Desta forma, toda a família começou a receber as lições e, no dia 25 de abril de 1959, o Presidente Cabral foi batizado seguido por seus pais, em agosto do mesmo ano. Frequentou o ramo de Vila Mariana, situado na Rua Dona Júlia, em uma casa, que lhe servia de capela, a qual foi posteriormente desapropriada, pela administração do Metrô. O Presidente Cabral, afirma que não teve dúvidas marcantes ao se afiliar à Igreja, pois através de oração, chegou a receber um testemunho forte da veracidade do Evangelho. A liderança do ramo de Vila Mariana era constituída por homens de forte testemunho. O presidente do ramo era o irmão Leonel Abacherli, hoje patriarca da Estaca São Paulo Leste Brasil, um dos seus conselheiros era o irmão Walter Guedes de Queiroz, hoje conselheiro da Missão Brasil São Paulo Norte, e um dos professores da Escola Dominical era o irmão Hélio da Rocha Camargo, atual presidente da Missão Brasil Rio de Janeiro. O movimento maior no ramo era feito em torno dos jovens, e o trabalho de integração foi fator decisivo de sua permanência. “Nossa família foi bem integrada na Igreja, disse o Presidente Cabral, e a despeito de não haver um programa previamente estabelecido, a integração foi bastante ativa, e lembro-me de que antes mesmo de ser batiza-

do na Igreja fiz um discurso na AMM. Uma das pessoas que muito me ajudou na integração foi a irmã Nair da Rocha Camargo”. O Presidente Cabral ocupou vários chamados na Igreja. Foi Assistente da AMM, Superintendente da AMM, Superintendente da Escola Dominical, Secretário do Ramo e líder do Sacerdócio. Tinha como seus conselheiros o irmão Mauro Todeschini, hoje Bispo da Ala São Paulo XIV, e o irmão Gabriel Kemeny, Presidente do Ramo de São José dos Campos. Viveu momentos de grande espiritualidade em suas reuniões, muitas delas feitas ao ar livre, por não haver, na capela, salas suficientes. A manutenção da capela era feita pelo próprio Sacerdócio e isto era motivo de confraternização e ao mesmo tempo de prestação de serviço. Quando iniciada a construção da capela da Ala São Paulo I, (Vila Mariana) o Presidente foi chamado como líder de construção permanecendo nesta posição até o instante em que iniciou o cursinho para vestibular da Faculdade. Durante os seis meses em que permaneceu como líder da construção conseguiu levantar fundos suficientes para manter os missionários construtores. Quem convive de perto com o Presidente Cabral sabe de seu interesse e amor pela genealogia. Quando a Estaca São Paulo foi organizada, e o ramo de Vila Mariana se transformou na Ala São Paulo I, recebeu o seu chamado como líder de genealogia, e no dia 28 de agosto de 1966, foi ordenado um sumo-sacerdote por seu pai, então conselheiro da Presidência da Estaca. Nesse mesmo ano foi chamado para uma missão de tempo integral, partindo para a Missão Andina, no início de 1967. Esta missão compreendia o Perú e Equador, e o Presidente Cabral terminou sua missão como Assistente do Presidente. Quando retornou de sua missão, a Estaca São Paulo já havia sido dividida e uma nova estaca foi organizada: a Estaca São Paulo Leste. Serviu nesta Estaca, por dois anos, como Presidente da Missão da Estaca, sendo desobrigado desta função em

vista de sua mudança para a região de Santo Amaro, que então pertencia à Estaca São Paulo. Como membro do sumo conselho da Estaca, foi designado como supervisor da Ala São Paulo V, do Ramo de Osasco e das unidades de Sorocaba. Retornou para a área da Estaca São Paulo Leste, após o seu casamento, sendo então chamado para servir como secretário Executivo da Estaca, de novembro de 1972 a junho de 1973. Em 10 de junho de 1973, no Palácio das Convenções, no Anhembi, com a presença do Élder Howard W. Hunter, foi feito um remanejamento nas estacas, disto resultando a organização de mais 3 novas estacas na área da Grande São Paulo; a Estaca Campinas Brasil, Estaca Santos Brasil, e a Estaca São Paulo Oeste Brasil. Foi nesta oportunidade que o Presidente Cabral recebeu o seu novo e importante chamado: presidir sobre a Estaca São Paulo Leste Brasil. Disse o Presidente: “Houve muita movimentação e havia uma fila de pessoas para serem entrevistadas pelo Élder Hunter. Quando fui entrevistado, Élder Hunter me fez duas perguntas e depois disse que o Senhor queria que eu fosse o Presidente da Estaca; senti o peso da responsabilidade naquele instante e não tive tempo de me maravilhar com o chamado. Ele deu-me pouco tempo para escolher os conselheiros da Estaca e membros do sumo conselho, e deste modo, só comecei a pensar no que realmente havia acontecido depois de terminada a Conferência. Ao lado de minha esposa, refletimos sobre as atribuições e responsabilidades inerentes ao chamado de Presidente de Estaca. Estava, naquela época, com 30 anos de idade e assustado com a responsabilidade, não que tivesse dúvidas na disposição do Senhor em me ajudar, mas duvidava do meu desempenho e da minha capacidade de cumprir com os desígnios do Senhor. A minha maior preocupação era a idade, pois a maioria da liderança da estaca era constituída por pessoas mais idosas. Todos os bispos eram mais idosos do que eu.”



**Presidente Cabral, sua esposa Elaine e filho**

Quando a Estaca São Paulo Leste foi organizada possuía 8 unidades, muitas bem distantes da sede da estaca, tais como Jaçanã e Guarulhos, Tucuruvi e Penha, cujos membros, muito fiéis, precisam sair 2 horas antes de casa para chegar a tempo de assistir à Conferência da Estaca. A Estaca está com uma população de 3.450 membros. Falando sobre o trabalho missionário, assim se expressou o Presidente Cabral:

— Não me surpreenderia se todos os jovens da Estaca com idade suficiente sassem como missionários de tempo integral, pois fomos realmente abençoados com os melhores jovens e, estamos atualmente com 30 jovens servindo como missionários de tempo integral e a grande maioria fazendo um trabalho muito bom. Tenho notado um grande desprendimento por parte dos jovens em deixar as coisas de lado e servir ao Senhor e isto tem fortalecido o testemunho da liderança. A meta da nossa estaca para este ano de 1976 é de 50 missionários. Tenho a impressão de que isso é uma das coisas de maior valor em minha vida — o testemunho que tenho quanto ao trabalho missionário na Igreja —

e é, sem dúvida nenhuma, um trabalho da responsabilidade de todos os jovens da Igreja, através do qual serão grandemente abençoados. Sei que não existe nenhum chamado para os jovens da Igreja que tenha maiores bênçãos prometidas do que o trabalho missionário, não somente bênçãos espirituais, mas também bênçãos físicas, materiais, como também uma base eterna em relação ao Evangelho do Senhor Jesus Cristo.”

— Presidente, e quanto aos fundos do templo?

— Com relação aos fundos para a construção do Templo, a nossa Estaca está quase alcançando a meta proposta pelas Autoridades Gerais. Nossos membros têm feito sacrifícios nesse sentido e através deles tenho tido várias experiências espirituais, principalmente com os jovens. Recebi uma carta de um jovem missionário de nossa estaca, que está noivo de uma jovem, também de nossa estaca, relatando-me que haviam, de comum acordo, doado para os fundos para a construção do templo, toda a economia que haviam feito até agora para poderem iniciar nova vida em comum, tão

logo retorne de sua missão, com o casamento. Isto tem um significado muito maior do que a simples quantia em dinheiro, pois sei que eles fizeram um investimento para toda a eternidade neste gesto de desprendimento das coisas do mundo, e tendo em mente o desejo de ir à casa do Senhor e ali realizar as ordenanças sagradas. Vejo, na grande maioria dos membros, um desejo genuíno de contribuir para a construção da Casa do Senhor”. Ao nos despedirmos deste jovem líder, solicitamos dele uma mensagem aos membros da Estaca São Paulo Leste Brasil, aos quais haveria de deixar em vista de seu novo chamado como Representante Regional, bem como para aqueles a quem ele irá servir de agora em diante tão dedicadamente como o tem feito até agora. E assim se expressou o Presidente Osiris Grobel Cabral:

— Aos membros e líderes da Estaca São Paulo Leste Brasil, eu só tenho que deixar meu agradecimento e o profundo respeito por uma liderança que realmente apoiou o trabalho da Estaca. Deixo, também, o meu agradecimento sincero aos jovens da Estaca, aos quais amo muito (e eles sabem disso), às senhoras da Sociedade de Socorro, a quem muito respeito, e aos portadores dos Sacerdócio de Melquisedeque. Todos os membros da Estaca têm sido maravilhosos, a despeito das dificuldades que temos encontrado no desempenho do trabalho do Senhor. Sei que continuarão a dar o mesmo apoio à presidência da Estaca pois eles sabem que esta é a obra do Senhor e não dos homens. Aos membros das regiões em que devo servir, coloco-me à disposição de todos, não como uma pessoa que vai criticá-los, mas sim como uma pessoa que está disposta para que o trabalho do Senhor possa ser feito de modo mais eficiente, e sei que posso contar com a oração dos membros da Estaca São Paulo Leste Brasil e das Regiões para que este trabalho seja realizado.

# PETRÓPOLIS

## Inaugura Sua Capela e Realiza a Conferência Distrital

Por José B. Puerta



Apesar da intensa chuva que começou a cair algumas horas antes da sessão inaugural da nova capela, o salão de culto estava literalmente tomado, antevendo, desde logo, a necessidade do início imediato da segunda etapa da construção. O Presidente Manoel Leite Barbosa Filho e seus dois conselheiros, José Raimundo Nunes Furtado e Manoel José Estrela, estavam eufóricos com o término da primeira etapa da construção e convictos de que este evento trará novo ânimo e crescimento ao ramo de Petrópolis. A nova capela, inaugurada no dia 31 de janeiro passado, está bem localizada e a trezentos metros da Estação Rodoviária, para onde converge a maioria dos ônibus de linha regular. Com a presença da Presidência da Misão Brasil Rio de Janeiro e da Presidência do Distrito de Petrópolis, a reunião teve seu início às 19,30 horas, com o Presidente Barbosa dando a abertura desta

histórica reunião, anunciando o primeiro hino "Vinde ó Santos" e a primeira oração feita pelo Presidente Antonio José Mendonça, presidente do Distrito de Petrópolis. O Presidente Barbosa falou sobre o esforço dos membros durante o período da construção, das irmãs que também muito ajudaram, e desafiou os seus membros para que o ramo atingisse logo a frequência média de 100, a fim de que a segunda etapa da construção pudesse ser iniciada. Encerrou com o seu testemunho sobre a veracidade deste trabalho e convidou em seguida a irmã Maria do Carmo Oliveira, uma das mais antigas irmãs do ramo, e que trabalhou sem descanso para a construção, a fim de prestar o seu testemunho. Após as palavras da irmã Maria do Carmo Oliveira, o coro formado pelos jovens do ramo de Petrópolis entoou um hino de louvor ao Pai Celestial e em seguida usou da palavra o Presidente do Distrito de

Petrópolis, o irmão Antonio José Mendonça. Falando sobre a Restauração da Igreja nestes últimos dias, citou a passagem em II Samuel, 22:33 — "Deus é a minha fortaleza e a minha força e ele perfeitamente desembaraça o meu caminho". Relembrou o início da Igreja no dia 6 de abril de 1830, onde 6 pessoas orientadas pelo espírito do Senhor iniciaram uma obra maravilhosa entre os filhos dos homens não só para aquele período mas para todo o sempre. Fez um relato histórico do início da Igreja no Brasil, lembrando fatos importantes do desenvolvimento da Igreja em nosso País, e especialmente sobre o início do ramo de Petrópolis, quando em 1957 chegaram os primeiros missionários, batizando os primeiros membros do ramo. Exortou os membros a se unirem num esforço missionário e estabelecerem, aqueles que tivessem qualquer dúvida, um paralelo entre a antiga Igreja de



Esquerda para direita: José Raimundo Nunes Furtado 1.º Conselheiro, Presidente Manoel Leite Barbosa Filho e Manoel José Estrela, 2.º Conselheiro.

Cristo e a sua própria Igreja restaurada nestes últimos dias. Encerrou as suas palavras citando o capítulo 4 de Efésios, nos versículos de 11 a 13 que diz: “E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.” Após o hino “Que firme Alicerce” cantado de pé, pela congregação, ocupou o púlpito o segundo conselheiro da Missão Brasil Rio de Janeiro, o Presidente João Eduardo Kemeny, lembrando o sacrifício de nossos irmãos pioneiros ao se estabelecerem no Vale do Lago Salgado, e reconhecendo também o esforço e a dedicação dos membros do ramo de Petrópolis na construção de nova Capela, dando graças ao Pai por ela e pelo nosso amado país, onde podemos adorar a Deus livremente. O Presidente Hélio da Rocha Camargo foi o último orador, discorrendo sobre o que distingue o povo mórmon dos demais e a mensagem que podemos oferecer ao mundo, enfatizando a importância da nova capela como um lugar de oração, uma casa onde podemos trocar experiências espirituais, uma casa de reunião. Uma casa onde podemos louvar a Deus

através dos hinos, uma casa onde podemos nos comunicar com nosso Pai Celestial e uma casa também onde podemos ouvir a palavra de Deus. Salientou a importância de termos um local para nos reunirmos, e então o Senhor nos dirá muitas coisas importantes.

A congregação cantou o último hino, “Com braço forte”, e a última oração foi oferecida pelo segundo conselheiro do Distrito de Petrópolis, o Presidente Wilson José Moreira. Logo após, os membros permaneceram na capela a fim de assistirem aos 3 primeiros batismos realizados na nova capela, como cumprimento da promessa contida no Livro de Mórmon, em Alma 5:62 que diz: “Vinde e recebei o batismo do arrependimento, para que possais partilhar do fruto da árvore da vida.”

Na manhã seguinte, dia 1 de fevereiro, realizou-se a reunião de Liderança do Distrito de Petrópolis, com a presença da Presidência do Distrito de Petrópolis e da Presidência da Missão Brasil Rio de Janeiro. Durante esta reunião diversos oradores ocuparam o púlpito transmitindo mensagens de inspiração e estabelecendo metas para este ano de 1976. O Presidente Hélio da Rocha Camargo falou especificamente sobre dois aspectos importantes do trabalho na Igreja; o trabalho missionário, e o empenho dos membros em levantar fundos para a construção do templo, desafiando-os para

para atingirem as metas estabelecidas pelo Élder James E. Faust, de terem até 1.º de março arrecadado 30% da cota que lhes foi atribuída. Incentivou os membros a se prepararem para receber suas ordenanças tão logo o nosso templo esteja pronto. A Sessão Geral da Conferência Distrital teve seu início às 10,00 horas da manhã, com a capela completamente repleta com uma frequência de 157 membros presentes. Diversos oradores ocuparam o púlpito transmitindo mensagens espirituais maravilhosas. O Presidente Hélio da Rocha Camargo, presidente da Missão Brasil Rio de Janeiro, falando como último orador, deixou uma magnífica mensagem aos membros, mensagem esta que publicaremos no próximo número de “A Liahona”.

A conferência distrital do Distrito de Petrópolis, devido longas distâncias que deveriam percorrer os membros, foi dividida em duas etapas, sendo a primeira delas realizada em Petrópolis na manhã do dia 1 de fevereiro, reunindo os ramos de Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Juiz de Fora e Rezende, e a segunda etapa seria realizada no domingo seguinte, dia 8 de fevereiro, em Vitória, reunindo os ramos de Vitória e Vila Velha. Os membros, de um modo geral, estavam eufóricos, não só com a bela conferência a que puderam assistir, como também, particularmente os santos de Petrópolis, com a sua nova capela. Parabéns aos líderes locais, pelo excelente trabalho que realizam. Este é realmente o trabalho do Senhor, e como foi bem lembrado naquela conferência, se fizermos a nossa parte, certamente o Senhor nos abençoará em todos os nossos mais sinceros desejos.



Capela de Petrópolis, recém-inaugurada

